

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

JADE MARIA STECCA VIEIRA MAGALHÃES

**CONTRIBUIÇÕES DE FERENCZI ACERCA DO TRAUMA DE
VIOLÊNCIA SEXUAL**

SÃO PAULO

2022

JADE MARIA STECCA VIEIRA MAGALHÃES

**CONTRIBUIÇÕES DE FERENCZI ACERCA DO TRAUMA DE
VIOLÊNCIA SEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como parte dos requisitos exigidos para graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof.^ª Me. Carla Regina Calderoni.

SÃO PAULO

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a todos que de alguma maneira contribuíram para a existência desse trabalho. Em primeiro lugar, à minha muito amada família, em especial minha mãe Elisa por todo o carinho e apoio sem medida. À minha irmã Luz, pela aliança inquebrantável. Ao Theo, por todas as várias conversas que tivemos sobre o tema desse trabalho - tanto da ordem das implicações de se realizar uma pesquisa de conclusão de curso quanto das mobilizações sensíveis que o assunto suscita -, por suas sugestões textuais e por tudo que constitui essa nossa linda parceria que me é tão importante. Sem todo o afeto que encontro em vocês, a vida não teria sentido.

É preciso agradecer também às professoras que iluminaram meu caminho até aqui. À Adriana Barbosa Pereira, quem primeiro me apresentou Sándor Ferenczi e que inspirou com seu estilo clínico sensível. À Paula Regina Peron, que me acompanha desde o primeiro ano da graduação, que me ensina a afinar o meu pensamento clínico a partir do rigor teórico e ético, agradeço por todo o cuidado e por estar tão disponível para me ajudar com esta pesquisa. À Carla Regina Calderoni, com quem tive a sorte de ser orientanda, pelas suas leituras minuciosas, pelas palavras de incentivo tão preciosas neste processo e por, principalmente, sua generosidade.

As minhas tão queridas amigas do Club das Windows e, muito em breve, colegas da aventura que é exercer essa profissão. Sou muito grata por ter encontrado esse grupo tão especial e por ter vivido esses seis anos de faculdade intensamente junto com vocês.

RESUMO

MAGALHÃES, J. M. S. V. **CONTRIBUIÇÕES DE FERENCZI ACERCA DO TRAUMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

O objetivo do presente trabalho foi discutir algumas contribuições do psicanalista Sándor Ferenczi para o enriquecimento da teoria psicanalítica, pesquisando especificamente a sua ampliação do campo traumático e sua investigação das implicações psíquicas dos sujeitos que foram violentados sexualmente. Tratou-se de uma pesquisa teórica na qual foram utilizados os textos de Ferenczi, principalmente seu “Confusão de línguas de língua entre os adultos e a criança” (1992) de 1932, que indica destinos psíquicos dos sujeitos que sofreram esses traumas e discute seu original conceito de desmentido, que esta pesquisa deu enfoque. Ademais, foram discutidas as implicações da postura do analista e bem como os desafios a serem superados no manejo clínico desses casos.

Palavras-chave: Abuso sexual, Confusão de língua, Desmentido, Trauma

ABSTRACT

MAGALHÃES, J. M. S. V. FERENCZI'S CONTRIBUTIONS ABOUT THE TRAUMA OF SEXUAL VIOLENCE

The aim of the present paper was to discuss some contributions of the psychoanalyst Sándor Ferenczi to the enrichment of psychoanalytic theory, specifically researching his extension of the traumatic field and his investigation of the psychic implications of subjects who were sexually assaulted. This was a theoretical research in which Ferenczi's texts were used, mainly his "The Confusion of Tongues between Adults and Children" (1992), which indicates psychic destinies of subjects who suffered these traumas and discusses his original concept of denial, which this research focused on. Furthermore, the implications of the analyst's posture were discussed, as well as the challenges to be overcome in the clinical management of these cases.

Keywords: Sexual abuse, Confusion of Tongues, Denial, Trauma

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
MÉTODO	12
CAPÍTULO 1. PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE E A TEORIA DA SEDUÇÃO	12
CAPÍTULO 2. SÁNDOR FERENCZI E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DO TRAUMA	19
2.1. Ferenczi e seu percurso na Psicanálise	19
2.2 Confusão de línguas entre os adultos e a criança	24
2.3. A identificação com o agressor e a introjeção da culpa	27
2.4. A última etapa da traumatogênese: o conceito do desmentido	31
2.5. Notas breves sobre o desmentido e seus impactos na clínica	36
DISCUSSÃO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo estudar as contribuições do psicanalista Sándor Ferenczi para o campo da compreensão do trauma, bem como a sua proposta de atuação clínica com os sujeitos que sofreram violência sexual na infância, com ênfase no seu original conceito do desmentido, que será explicado adiante.

A motivação teórica dessa pesquisa nasceu a partir de uma inquietação, enquanto estudante de psicologia e psicanálise, derivada da problemática da questão do trauma. Trata-se do abandono da teoria da sedução de Sigmund Freud (1856 - 1939), que postulava que as neuroses seriam resultado do trauma decorrente de um abuso sexual real, e da posterior elaboração da teoria da fantasia. Como veremos no início desta pesquisa, Freud começou a duvidar da realidade dos relatos de violência de suas pacientes histéricas e, em carta endereçada ao então amigo Wilhelm Fliess (1858 - 1928), escreve: “não acredito mais em minha neurótica” (FREUD, 1987, p. 265). Nesse contexto, o pai da psicanálise se dedicou ao Complexo de Édipo, fonte de fantasias e conflitos das neuroses, dando destaque à realidade psíquica, isto é, a vida imaginária dos sujeitos, que se distingue da realidade material, dominada pelo império do desejo (ROUDINESCO, 1998).

A partir de então, as cenas de sedução relatadas pelas suas pacientes eram, portanto, interpretadas como manifestações dessas fantasias. Dessa forma, Freud pouco voltou a falar em trauma sexual infantil, ainda que isso não signifique que tenha negado sua existência (KUPPERMAN, 2016). Tendo em vista esses acontecimentos nos primórdios da teoria psicanalítica, este trabalho foi motivado, em primeiro lugar, por uma inquietação da pesquisadora: considerando o abandono da Teoria da Sedução e os casos em que houve verdadeiramente uma violência sexual, qual o manejo psicanalítico possível para esses pacientes? E ainda, quais os efeitos possíveis decorrentes da priorização da realidade psíquica em detrimento da realidade material para os pacientes que de fato sofreram uma violência?

Ao longo dos últimos anos da graduação, a pesquisadora foi apresentada à obra de Sándor Ferenczi, importante psicanalista de primeira geração que resgatou a problemática do trauma, mesmo após muito tempo da evidência da noção de sexualidade infantil no campo psicanalítico, que implica na fundamentalidade das construções fantasísticas da realidade psíquica. Ainda que permanecendo fiel a estes princípios e à compreensão das psicogêneses dos sintomas neuróticos da psicanálise segundo a Teoria da Fantasia, Ferenczi reavivou a problemática da participação da

realidade material e das cenas de fato vividas pelos sujeitos na constituição do trauma. Suas investigações elucidam caminhos para responder às perguntas postas pela pesquisadora, e vão além delas, pois Ferenczi aponta para os efeitos iatrogênicos de reedição do traumático na própria análise, caso não haja atenção para a postura clínica do analista. Devido ao encontro com a singularidade dos possíveis efeitos danosos decorrentes de eventos traumáticos, é necessário, muitas vezes, um reposicionamento, como será apresentado adiante na pesquisa.

Nascido na Hungria, Ferenczi, um dos mais próximos discípulos e amigo íntimo de Freud de longa data, participou grandemente da construção do pensamento psicanalítico e da sua consolidação (ROUDINESCO, 1998). Para além da sua reconhecida capacidade de compreensão do corpo teórico psicanalítico, sua defesa ferrenha da causa, de seu rigor e de seu zelo pelas considerações de seu mestre, o pensamento de Ferenczi é também, como poderá ser notado ao longo deste trabalho, marcado pela ousadia de criação de novos conceitos e contestação de certas posições clínicas demasiadamente conservadoras (GOMES, 2016). Contrariando Freud, o psicanalista divulgou seus achados referentes aos traumas de violência e defendeu suas novas hipóteses clínicas, sendo duramente criticado e tornando-se um ponto de discórdia no movimento psicanalítico (GOMES, 2016).

O resgate da problemática do trauma e dos eventos “reais” de Ferenczi, entretanto, se diferencia da teoria da sedução de seu mestre, pois o psicanalista húngaro não coloca a violência sofrida como ponto central na etiologia das neuroses, mas destaca a importância traumática e patogênica daqueles que no passado viveram tais cenas, sem desconsiderar o Complexo de Édipo e as fantasias, mas, pelo contrário, elucidando os desdobramentos desses elementos da constituição psíquica quando a criança encontra-se em uma situação desfavorável, o seu encontro com um adulto perverso (MENDES; FRANÇA, 2012).

Para a compreensão do caminho que Ferenczi percorreu até chegar a essa noção de ênfase do fator traumático, destacam-se dois contextos importantes. Em primeiro lugar, sua experiência como médico no front húngaro na Primeira Guerra Mundial, na qual se deparou com os combatentes que sofriam com neuroses de guerra. Depois, sua experiência com os casos graves ditos “difíceis”, considerados inalisáveis. Em sua prática clínica percebeu que o trauma traria impactos diretos no tratamento e que o analista poderia incorrer na retraumatização do paciente, quando excessivamente frio e distante. Segundo Kupperman, esse contato foi derradeiro para que o

psicanalista fosse sensibilizado a investigar tanto a especificidade das subjetividades traumatizadas, quanto o seu manejo clínico (KUPPERMAN, 2016).

Para além disso, o contato com os casos de sujeitos traumatizados - marcadamente, a criança traumatizada nos adultos, tema que perpassa a obra do autor - fez com que Ferenczi percebesse que era necessário recorrer a um novo estilo clínico daquele preconizado na época (KUPPERMAN, 2016). Em 1932, no Congresso de Wiesbaden, Sándor Ferenczi apresenta um de seus mais importantes trabalhos e que será, nesta pesquisa, o principal texto utilizado como norte para compreender sua contribuição dos efeitos psíquicos traumáticos: “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”, que destaca a necessidade de se considerar o traumatismo sexual e os destinos psíquicos da criança violada, além de apresentar sérias problemáticas de manejo clínico, alertando a comunidade psicanalítica do perigo da retraumatização dos pacientes nas análises.

A obra de Ferenczi introduz para a psicanálise o conceito de desmentido, tema que é trabalhado também em “Confusão de línguas...”, que é considerado por alguns autores, a “marca registrada” da sua teoria do trauma (PINHEIRO, 2016). Essa noção original parte do princípio que o trauma se instaura não apenas a partir da violência sofrida, ato incompreensível para criança, deflagrador de dor e de excesso de excitação, mas é consolidado a partir de um segundo momento, em que a criança, tomada de angústia, busca uma pessoa de confiança na tentativa de falar do ocorrido e dar ao episódio alguma representação. No entanto, o adulto comumente agirá em sentido de menosprezar os acontecimentos e, as tentativas tênues de se comunicar com o adulto são, nas palavras de Ferenczi, “repelidas como tolices” pela figura escolhida para auxiliá-la (FERENCZI, 1992, p. 118). Esse abandono promovido pelo entorno, do adulto que desmente a criança, é o ápice da traumatogênese, responsável pela inscrição do trauma, assunto que esta pesquisa se propõe a trabalhar mais minuciosamente em seu desenvolvimento.

Em seu texto “Confusão de línguas...”, a partir de seu mito traumático, Ferenczi delimitava o tipo de violação que trabalhou em sua obra: tratam-se de violências sexuais incestuosas. Antes de descrever os elementos da cena de violência, o psicanalista pontua:

Em primeiro lugar, pude confirmar a hipótese já anunciada de nunca será demais insistir sobre a importância do traumatismo e, em especial, do traumatismo sexual como fator patogênico. Mesmo crianças pertencentes a famílias respeitáveis e de tradição puritana são, com mais frequência do que se ousaria pensar, vítimas de violência e de estupro. São ora os próprios pais que buscam substitutos para suas insatisfações, dessa maneira patológica, ora pessoas de confiança, membros da mesma família (tios, tias, avós), os preceptores ou o pessoal doméstico que abusam da ignorância e da inocência das crianças. A objeção, a saber, que se trataria de fantasias da própria criança, ou seja, mentiras

históricas, perde lamentavelmente sua força, em consequência do número considerável de pacientes, em análise, que confessam ter mantido relações sexuais com crianças (FERENCZI, 1992, p. 116).

O tom assumido por Ferenczi, que define o perfil das vítimas e a violência sexual como fenômeno que ocorre indiscriminadamente, mostra-se em consonância com os dados das pesquisas mais atuais no Brasil, o que também contribui para a importância de se deter nos apontamentos do artigo “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1992). O que o psicanalista húngaro apontava no séc. XX, encontra-se de acordo com os dados mais atuais, indicados pelos registros policiais desse crime no país, especialmente no que diz respeito ao contexto de proximidade entre a vítima e o abusador. Além disso, o fato de que essa consideração de Ferenczi está em consonância com a realidade brasileira contemporânea, comunica a importância do tema e da justificativa social dessa pesquisa, como também mostra a atualidade de suas contribuições.

No país, as crianças e os adolescentes são as principais vítimas da violência sexual. A cada hora, cinco crianças são violentadas sexualmente. Quando se considera o total de estupros notificados em 2020 - e este é um crime que, caracteristicamente, apresenta taxas muito altas de subnotificação - mais de 60% das vítimas tinham até 13 anos. Ademais, são crimes que têm um autor conhecido. A maioria dos casos contra meninas e meninos ocorre dentro das casas e, quando há informação sobre a autoria da violência, 83% dos casos que acometem crianças e adolescentes de 0 a 19 anos, os agressores são pessoas da família ou próximas. Esses são dados provenientes dos Boletins de Ocorrência de estupro e estupro de vulnerável, das 26 Unidades da Federação¹ segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021, produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

O fato de que muitos desses casos são de origem incestuosa também aponta para a grande complexidade em que se encontram a criança e os agentes que a circundam. Um estupro de uma criança é um ato da ordem do proibido, e não um proibido qualquer, mas do tabu de incesto. Portanto, o espanto e a absurdidade decorrente dessa quebra de interdição compõem um cenário sócio-cultural que propicia ainda mais o não reconhecimento e validação da vivência daquele que sofreu e um envolvimento de todos os agentes da cena em um silêncio atroz (PINHEIRO, 2016).

Os dados do Anuário apontam, portanto, para mais uma ratificação das contribuições de Ferenczi. A realidade do país e as informações estatísticas alarmantes sugerem que uma parte da população que procura uma análise tenha sofrido essa violência na infância. Além disso, uma outra

¹ O estado do Acre não apresentou os dados sobre os estupros registrados (FBSP, 2021).

informação apontada pelo Anuário (2021) revela que essas vítimas têm grandes chances de serem novamente violentadas no futuro, em outras circunstâncias. A proposta da presente pesquisa é também articular a vulnerabilidade apontada pelo Anuário com as circunstâncias clínicas levantadas por Ferenczi, já que, a partir do conceito de desmentido, o psicanalista descreveu os efeitos subjetivos da negligência e mostrou o perigo decorrente de alguns descuidos por parte do psicanalista no setting analítico.

O trabalho, desse modo, tem por objetivo principal apresentar parte da teorização do trauma descrito por Sándor Ferenczi - como a violência sexual ocorre e quais os seus efeitos. Um deles é essa vulnerabilidade, que se apresenta a partir da clivagem, nas formas de introjeção da culpa e identificação com o agressor, que têm especial destaque nesse trabalho. Ademais, a noção de desmentido é de máximo interesse, considerando que se trata do momento chave onde o traumatismo se configura enquanto tal. Ainda, também se propõe investigar algumas rotas indicadas pelo autor para o manejo clínico desses casos, já que o cenário demanda um posicionamento e reflexão para a atuação dos psicanalistas.

Dessa maneira, a pesquisa foi dividida da seguinte forma: o primeiro capítulo se detém nos primórdios da psicanálise, de modo a apresentar a Teoria da Sedução de Freud e por quais razões a teorização cedeu lugar à Teoria da Fantasia para explicar a origem das neuroses. Esse capítulo situa o lugar fundamental do trauma no início da psicanálise e trata do contexto, em partes, responsável por gerar uma série de duras críticas às formulações de Ferenczi.

No segundo capítulo, Sándor Ferenczi será apresentado, bem como as implicações resultantes do trauma e o conceito de desmentido será aprofundado, utilizando como guia, principalmente, seu texto “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” (1992). Finalmente, nas discussões, são expostas as ideias de Ferenczi sobre a postura do analista e a criação de um espaço analítico adequado para o encontro com o traumático.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa teórica em psicanálise, que teve como solo teórico, principalmente, as elaborações de Sándor Ferenczi. A metodologia utilizada foi a leitura de textos de Freud e Ferenczi, bem como de comentadores de sólida relevância e reconhecimento no campo, para circunscrever as contribuições de Ferenczi para o âmbito do traumático, especificamente dos traumas advindos de violência sexual na infância.

Em Freud, os textos lidos datam, principalmente, de um primeiro tempo de seu percurso como criador da psicanálise, são os artigos das primeiras publicações psicanalíticas, usados aqui para historicizar a criação da Teoria da Sedução. Um único texto se destaca deste período: o seu *Sexualidade Feminina* de 1931, que data da metade para o fim de sua obra. Para auxiliar e aprofundar a compreensão desse momento histórico, foi consultado o capítulo “Freud e o abandono de sua *neurótica*” de Maria Lucia Violante, do seu livro “Ensaio Freudiano em Torno da Psicosexualidade” (2004).

Os textos de Ferenczi usados são, principalmente, da sua linha de pesquisa sobre o trauma e portanto, datam principalmente do seu terceiro período (1928 - 1933), marcado por avanços teóricos sobre o traumático, a noção de desmentido e a clivagem psíquica. Os textos resultantes do período utilizados são “Análise de crianças com adultos” (1931) e, em especial, seu “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” (1933) - último artigo de Ferenczi e que, devido a sua importância, servirá de norte para a pesquisa. Também foram utilizadas algumas passagens e reflexões presentes em seu Diário Clínico. Além destes textos, destaca-se uma publicação do período anterior, nas quais o psicanalista se dedicou a modificação de suas intervenções e divulgação de novos recursos técnicos da sua clínica - “A Adaptação da Família à Criança” (1927).

A leitura de pesquisas de diversos comentadores da obra de Ferenczi, foram igualmente importantes referências neste trabalho para a compreensão dos escritos do psicanalista húngaro. Dentre os pesquisadores consultados, dos mais frequentemente citados destacam-se Teresa Pinheiro (2016), Daniel Kupermann (2019) e Gustavo Gomes Dean (2016). Ademais, foram pesquisados dados estatísticos criminais de violência contra crianças e adolescentes de estupro e estupro de vulnerável no Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021, produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) que contextualizam a relevância social do tema pesquisado.

CAPÍTULO 1. PRIMÓDIOS DA PSICANÁLISE E A TEORIA DA SEDUÇÃO

Entre 1895 e 1897, Freud elaborou a Teoria da Sedução para explicar a origem da neurose. Ele partiu do pressuposto da causalidade de uma cena de abuso sexual real praticado por um adulto (perverso) que teria ocorrido com suas pacientes histéricas durante a infância, ocasionando um trauma psíquico que seria revivido na puberdade. Neste primeiro capítulo, será colocado em foco esse momento inicial da psicanálise, conceitualizando e contextualizando brevemente a Teoria da Sedução e seu abandono, que levará Freud a teorizar sobre a fantasia e, posteriormente, sobre o Complexo de Édipo.

Freud iniciou sua prática da medicina empenhando-se em estudos de anatomia cerebral, no Hospital Geral de Viena. Após essa passagem, decidido a dedicar-se ao estudo das doenças nervosas com um mestre que pudesse lhe guiar o caminho, Freud ganha uma bolsa para estudar na França, mais precisamente no Hospital La Salpêrière com o neurologista Jean-Martin Charcot, médico de grande fama e renome na época e nome indissociável da história da histeria e da psicanálise (MARTINS; VORSATZ, 2018). Esse contato teve papel fundamental na formação do jovem Freud e mudou definitivamente o rumo de seu trabalho (ROUDINESCO, 1998).

Entre outubro de 1885 e fevereiro de 1886, Freud assistiu às demonstrações clínicas do médico parisiense, que realizava sessões abertas a médicos e intelectuais onde, a partir da hipnose, fabricava sintomas em mulheres histéricas em estado de transe e os fazia desaparecer. Charcot também constatou que as pacientes de fato vivenciavam o comprometimento de funções sensoriais como fenômenos reais, comprovando assim a origem neurótica da histeria (ROUDINESCO, 1998).

Desse modo, Charcot se opunha às discussões médicas majoritárias da época, que consideravam a histeria ilegítima e seus sintomas, simulações, por serem difusos e não apresentarem coerência orgânico-biológica (MARTINS; VORSATZ, 2018). Contudo, o médico postulava que a histeria era resultado de um comprometimento orgânico do sistema nervoso, bem como se referiu a condição da histeria como consequente de fraqueza mental (GOLDGRUB, 1988).

A influência do médico que levou a histeria à dignidade de uma doença foi essencial para Freud. Juntamente com o médico Josef Breuer, que inventou o método catártico, ambos decidiram escutar o que as pacientes histéricas tinham a dizer acerca de sua patologia (MARTINS; VORSATZ, 2018). A partir do método catártico, apelidado de *talking cure* por Anna O., paciente paradigmática para a história da psicanálise, os médicos procuravam pelos fatos traumáticos na

escuta das pacientes, incentivando a rememoração de lembranças supostamente traumáticas que seriam a base etiológica da histeria (BREUER, 2016).

Esse método psicoterápico, estreitamente ligado à hipnose e correspondente a Teoria da Sedução, consistia em liberar através da fala um afeto estrangulado responsável por efeitos patogênicos, a partir da rememoração de acontecimentos traumáticos. A rememoração possibilitaria que esses eventos fossem revividos, fornecendo "ao sujeito ocasião de exprimir, de descarregar os afetos que, originalmente ligados à experiência traumática, tinham sido reprimidos" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p.61).

Uma vez que esses afetos fossem liberados pela descarga emocional, o paciente se encontraria livre de seus sintomas (ao menos temporariamente), o que consistia em uma ab-reação, o efeito visado pelo método. Deste modo, ambos os médicos estavam de comum acordo quanto a importância da busca pelo substrato real da patologia, isto é, das cenas traumáticas responsáveis pelos quadros de histeria (MARTINS; VORSATZ, 2018).

Apesar da palavra “sedução” ter um dos significados apresentado pelo dicionário Michaelis de “dom de atrair e ou de seduzir, próprio de certas pessoas; fascínio, magnetismo” (2016, s/p), ela também tem, como aponta Roudinesco (1998), um sentido carregado que remete à noção de coerção, em que um sujeito abusa de outro a partir de uma dissimetria de poder. É justamente a partir dessa imagem de violência que Freud parte para formular a sua teoria (ROUDINESCO, 1998).

Apoiado em uma evidência social e também na escuta de suas pacientes histéricas que relatavam abusos cometidos por uma criança maior ou suas próprias figuras parentais, em especial o pai, Freud julgou que por terem sofrido essa violência, padeciam com distúrbios neuróticos, tais como a histeria. No seu primeiro livro publicado em 1895, escrito em conjunto com Breuer, “Estudos sobre a Histeria”, há uma descrição emblemática que ilustra bem a Teoria da Sedução.

O relato, diferentemente dos outros descritos no livro, não se trata propriamente de um caso clínico. Em férias nas montanhas dos Alpes, Freud conhece Katharina, uma jovem sobrinha da dona da hospedaria. Ela pede para que o médico trate de sua patologia, um quadro de ataques de angústia com uma acentuada dificuldade de respirar. Conversando com a moça em tom investigativo, ela lembra-se de assédios sexuais cometidos por seu tio aos catorze anos de idade. No texto, Freud irá dizer de um “caso típico”, com a ressalva de que o trauma ocorre após a puberdade (FREUD, 1895).

Essa observação é importante pois Freud também postula que o trauma, que estaria na gênese das neuroses, ocorreria em dois tempos: o primeiro deles, onde a criança é precocemente exposta a uma situação de sedução (um abuso sexual) e o segundo tempo, durante a puberdade, em que um outro evento (não necessariamente de origem sexual), evoca traços associativos à lembrança da cena de sedução pela via do sintoma, produzindo um efeito bem mais considerável que o primeiro. Deste modo, o significado traumático é dado a posteriori e a memória do evento seria mais dolorosa que o evento em si (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016).

No entanto, Freud foi gradativamente abandonando a Teoria da Sedução, hipótese etiológica do trauma com uma causa, um trauma sexual ocorrido na infância e um efeito, o sintoma neurótico após a adolescência. Ele constatou, a partir da sua minuciosa observação clínica, que nem todos os pais eram perversos que de fato teriam cometido uma violência sexual incestuosa, pois a incidência da perversão teria de ser muito maior do que a da histeria, que dela resultaria (FREUD, 1897). Também, mesmo quando a cena de violência ocorria, ela não fornecia explicação suficiente para determinar a origem de uma neurose (ROUDINESCO, 1998). Entretanto, apesar da impossibilidade de levar em conta que todos os numerosos relatos tinham de fato ocorrido, as pacientes de Freud não estavam mentindo e, portanto, era necessário dar conta dessas contradições autênticas e rever a sua teoria.

Como destaca Violante, é ao longo da correspondência com Wilhelm Fliess², enquanto Freud realizava sua auto-análise, principalmente na sequência de cartas datadas de 1897, que está documentado o processo de revisão da teoria de que a neurose teria sua origem a partir do efeito perturbador da sedução real. Segundo a autora, é a partir da análise de um sonho próprio, que Freud começa a ir de encontro com o que se tornará, bem mais tarde, a conceitualização do Complexo de Édipo, o que foi fundamental para a mudança do foco de investigação da origem das neuroses (VIOLANTE, 2004).

Na carta de 31 de maio, o criador da psicanálise escreve que detectou um “desejo exibicionista” em seu sonho em que subia uma escada com pouca roupa e grande agilidade (FREUD, 1897). Ele anexa à carta o Rascunho N, na qual irá expor ao amigo a ideia de que os

² Wilhelm Fliess foi um médico otorrinolaringologista alemão adepto de uma teoria biológica da sexualidade. O médico manteve durante um curto período uma amizade íntima com o jovem Freud, com quem trocou vasta correspondência de valiosa importância para a psicanálise entre 1887 e 1902. É ao longo das cartas endereçadas a ele, que Freud se desvincula da Teoria da Sedução. Em 21 de setembro de 1897, Freud anuncia a sua renúncia e escreve a seu amigo os motivos pelos quais desiste da teoria, bem como suas dúvidas acerca do caminho que seu trabalho estava se direcionando decorrentes deste abandono (FREUD, 1897).

impulsos hostis que criança dirige aos pais, isto é, o desejo de que morram, seria um elemento integrante das neuroses. Ele irá completar sua suposição, anunciando que esse desejo se manifesta de maneira distinta entre os meninos e meninas. Os primeiros dirigem sua hostilidade ao pai enquanto que as meninas se voltam contra a mãe. Violante dirá que é aí que “reside o germe da mudança de sua teoria traumática das neuroses” (VIOLANTE, 2004, p. 41).

Dessa maneira, o psicanalista é levado a se afastar progressivamente da primeira teoria, através da revisão rigorosa que em muito tinha a ver com sua auto-análise, já que foi a partir dela, em meio a solidão e a dificuldade que esse exercício impõe, que Freud tornou consciente seus desejos, tais como o desejo incestuoso. Ainda em 1897, quase quatro meses após a referida carta de 31 de maio, que Freud anuncia, na carta que veio a se tornar célebre de 21 de setembro para seu amigo Fliess, a famosa linha: “eu não acredito mais em minha *neurótica*” (FREUD, 1897, p. 265). Isto significou a renúncia da sua hipótese acerca de uma sedução real como fator etiológico das neuroses (VIOLANTE, 2004).

Nesse momento, como expresso na carta, Freud se encontra em um período crítico de desilusão teórica, em que não sabe mais exatamente onde ela está situada, indagando-se acerca do avanço em direção a descobertas a partir de novas dúvidas (MARTINS; VORSATZ, 2018). Entretanto, como exposto pelo psicanalista, há um ponto fundamental que permanece inalterado “neste colapso de tudo o que é valioso” (FREUD, 1897): o do fato psicológico. A carta data do mesmo período em que é elaborada a *Interpretação dos Sonhos* (publicada em 1900), em que se aponta a indistinção da realidade e ficção do inconsciente. Esse também é o período das investigações que levam o psicanalista a conclusão de que os sonhos são realizações de desejos (VIOLANTE, 2004).

Cabe destacar que essa descoberta acerca do sonho leva Freud às cenas de sedução fantasiosas, ligadas ao tema dos pais. É dessa forma que se abre a porta para a concepção do Complexo de Édipo, pois, já que o sonho é um modo de realizar desejos, as fantasias também o são (VIOLANTE, 2004).

Quando o criador da psicanálise assume um engano por ter colocado um suposto abuso sexual real ocorrido na infância como central na etiologia das neuroses (PERON, 2007), abre-se um caminho de fundamental importância: as cenas de sedução relatadas em seu consultório são, na verdade, produto de elaborações fantasísticas, apontando para a descoberta da sexualidade infantil

e para o Complexo de Édipo como fonte dos conflitos neuróticos (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016).

Este abandono da primeira teoria é tido classicamente como um marco para a psicanálise. Ao invés de centralizar uma cena de sedução real como causa dos padecimentos psíquicos, o psicanalista se transporta a uma “outra cena”, a da realidade psíquica (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016). É a ênfase na realidade psíquica e o Complexo de Édipo como central na etiologia das neuroses que irá fundamentalizar esse segundo momento, da Teoria da Fantasia, tema de importância vital para os avanços clínico-teóricos psicanalíticos que, contudo, não serão longamente abordados nesta pesquisa.

Entretanto, apesar desse abandono da teoria da sedução em decorrência do Complexo de Édipo reavalado em sua auto-análise e também em sua clínica, na escuta de seus pacientes, Freud jamais mencionou que o trauma decorrente de um abuso sexual real na infância deveria ser negligenciado, nunca tendo descartado sua frequência, importância e valor patogênico (PERON, 2007).

Mesmo diante da constatação da importância da fantasia, ele reafirma diversas vezes em sua obra o fator perturbador da sedução real, como em notas acrescentadas em 1924 no texto “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” de 1896, em que escreve que a criança, por sua desfavorável posição frente a uma pessoa mais velha, pode ser transformada em objeto sexual por um adulto perverso. Ainda não tendo capacidade física de resistir e mesmo compreender intelectualmente o ocorrido, a criança “incubará, para que emergja na puberdade uma distorção do que constitui o aspecto mais problemático do relacionamento humano” (GOLDGRUB, 1988, p. 44).

Nessas notas acrescentadas de 1924, Freud sublinha a sua revisão com relação a uma supervalorização da realidade e a atribuição errônea da universalidade das cenas de sedução como fator etiológico, porém, conclui em sua nota que a sedução conserva certa importância etiológica e que não se pode rejeitar tudo que foi escrito em seu texto anterior, bem como aponta que considerava alguns dos comentários ainda adequados (FREUD, 1896).

Essas afirmações não se deram somente no início de sua obra. Em 1931, sublinha-se, já na metade para o fim de sua obra, em “Sexualidade Feminina”, ele reafirma: “a sedução real também é bastante comum (...). Onde intervém, a sedução invariavelmente perturba o curso natural dos

processos de desenvolvimento e com frequência deixa atrás de si consequências amplas e duradouras” (FREUD, 1931, p. 148).

O abandono da teoria³ gerou grandes debates entre os seguidores de Freud e foi Sándor Ferenczi quem mais levou adiante a discussão, resgatando em meados de 1920 a problemática do trauma e enfatizando a importância das forças traumáticas do fato externo e real, bem como o papel do adulto na constituição psíquica (PERON, 2007). No capítulo seguinte, o autor será apresentado, bem como suas originais contribuições acerca do trauma, especialmente, daqueles advindos de um abuso sexual.

³ É importante ressaltar que essa questão, se Freud de fato a abandona ou se na verdade a relativiza, é alvo de debates constantes até a atualidade (GOMES, 2016).

CAPÍTULO 2. SÁNDOR FERENCZI E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DO TRAUMA

O capítulo tem por objetivo abordar brevemente o percurso de Sándor Ferenczi na teoria psicanalítica, passando por sua relação de íntima amizade com Freud, as suas principais linhas de pesquisa e, apoiando-se principalmente em seu texto “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” (1933), finalmente abordar suas contribuições para a ampliação teórica do campo do trauma, tratando especialmente as noções de introjeção da culpa, identificação com o agressor e o desmentido.

2.1. Ferenczi e seu percurso na Psicanálise

Sándor Ferenczi, relevante psicanalista de primeira geração, nasceu em uma família numerosa na Hungria no ano de 1873, sendo o oitavo filho de um imigrante judeu polonês, cuja profissão era a de livreiro e editor. Assim, desde cedo, Ferenczi desenvolveu um gosto acentuado pela literatura e pela filosofia. Considerado um dos maiores clínicos da história da psicanálise, desenvolveu, junto à Freud, uma relação intensa e afetuosa, podendo-se considerá-lo, até mesmo, o seu discípulo preferido. Hoje, a natureza dessa relação restou documentada, principalmente, pela vasta correspondência trocada entre os dois.

Ferenczi conheceu Freud, através de Jung em 1908, após ter se entusiasmado com a leitura de “A interpretação dos Sonhos” (1900). Antes mesmo do contato com a psicanálise, Ferenczi, que era médico geral, tinha grande curiosidade pelos tratamentos clínicos e inquietava-se ante o obscuro e os fenômenos inexplicáveis, tentando trazer interesse científico para esses assuntos, tal como o espiritismo (GOMES, 2016).

Em tempo relativamente curto, Ferenczi insere-se intensamente no movimento e torna-se grande divulgador da psicanálise em Budapeste. Junto a Freud, fundou a IPA (International Psychoanalytical Association) em 1910. Entre esse ano e 1920, a atuação de Ferenczi, segundo Dean Gomes, é marcada por três movimentos: a estreita observância do pensamento de Freud, a originalidade de seu pensamento que já aparecia em seus textos de forma marginal e também o investimento em aspectos menos ressaltados na obra de seu mestre (GOMES, 2022).

Trocaram, ao longo de sua íntima relação, cerca de 1200 cartas repletas de invenções teóricas e clínicas, resultando na maior troca de correspondência mantida pelo pai da psicanálise (ROUDINESCO, 1998). Apesar da grande proximidade vivida pelos dois e de certos aspectos de pesquisa se relacionarem, principalmente no que concerne à atenção em evitar dogmatismos e concepções científicas demasiadamente estáticas, Gondar assinala algumas diferenças de estilo marcantes entre Ferenczi e seu mestre: Freud, mais racional, exímio pesquisador e Ferenczi, por outro lado, um adepto da medicina social e, posteriormente, um terapeuta sensível especialmente atento aos jogos de poder, tanto na relação analítica, quanto na sociedade, posicionando-se frente à opressão de mulheres, homossexuais e imigrantes. (GONDAR, 2021).

Para além dessas diferenças estilísticas, houve discordâncias fundamentais, sendo a concepção de trauma⁴ a mais decisiva de todas. Grandemente envolvido com as neuroses de guerra ocasionadas pela Primeira Guerra Mundial, Ferenczi, depois de ter sido convocado para ser médico em um hospital militar em Papá, na Hungria, se debruçou em suas pesquisas sobre os efeitos dos choques psíquicos graves. O contexto da guerra e o contato com as neuroses típicas dos combatentes influenciou muitos analistas, que realizaram um simpósio com o propósito de discuti-la, o Congresso de Budapeste em 1918 (GOMES, 2016).

Após ter visto de perto os impactos causados pela guerra aos combatentes, Ferenczi desenvolveu parte importante de suas considerações sobre o trauma, que serão posteriormente usadas para caracterizar a subjetividade de sujeitos traumatizados durante a infância, isto é, que sofreram um impacto de uma excitação intensa, sem terem tido a possibilidade de um escoamento adequado, restando marcas psíquicas específicas (PERON, 2007).

A obra de Ferenczi, no que se refere especialmente ao trauma, pode ser dividida em três linhas de pesquisa: (i) os estudos sobre os efeitos ocasionados pela Primeira Guerra Mundial; (ii) a influência do contexto social e os traumas originados a partir das relações entre pais e filhos ou, adulto e criança; e (iii) os traumas advindos especialmente de cenas de um abuso sexual ocorrido na infância.

Segundo Peron, os principais textos acerca do sofrimento causado por influência do meio familiar são “Psicanálise e Pedagogia” (1908), “Fé, incredulidade e convicção” (1913), “As Fantasias Provocadas” (1924), “A adaptação da Família à Criança” (1927) e “A criança mal

⁴ Embora os últimos contatos entre os dois tenham sido marcados por tensões e duras críticas, nunca houve uma ruptura final e Ferenczi, diferentemente de outras figuras que fazem parte da história da psicanálise contemporânea a Freud, jamais deixou de fato o regaço psicanalítico (ROUDINESCO, 1998).

acolhida e sua pulsão de morte” (1929). Embora não seja possível retomar integralmente aqui, neste trabalho, as investigações de Ferenczi com a minúcia e o cuidado que cada um desses textos demandaria, é importante pontuar que, à despeito da divisão de sua obra em três linhas de pesquisa, as ideias fundamentais elaboradas por Ferenczi em cada uma delas são constantemente retomadas, em especial àquelas referentes ao campo do trauma, ao infantil e ao ambiente externo (PERON, 2007). É de interesse destacar as noções apresentadas nesses diversos períodos pois são ideias que culminam no derradeiro texto de Ferenczi, “Confusão de línguas entre adultos e a criança” de 1933, que serve de guia a este trabalho e que será apresentado mais detidamente no próximo subcapítulo.

Em breve síntese, no primeiro texto mencionado, artigo de introdução de Ferenczi no campo psicanalítico, é elaborada a sua crítica à pedagogia⁵ na qual as crianças da época estavam submetidas, demonstrando preocupação com a interferência dos educadores na constituição do psiquismo infantil e a pedagogia como importante contribuidora da neurotização (GOMES, 2016). Em “Fé, incredulidade e convicção”, são descritos os impasses advindos do contato da criança com o mundo externo que, sob pena de castigos e privações de amor por parte dos adultos, decepiona-se com a falta de sinceridade de seus pais e educadores (PERON, 2007).

No texto de 1924, o psicanalista relata casos nos quais famílias encaram como maus-hábitos as expressões autoeróticas da criança, quando esta, na verdade, necessita de reconhecimento do valor erótico. Por fim, alcança que as demasiadas proibições aos “maus-hábitos” acarretam o prejuízo da capacidade de fantasiar da criança.

No importante texto “A Adaptação da Família à Criança”, Ferenczi descreve que a represália adulta das atividades de autoerotismo gera, para a criança, uma dura reprovação, que acarreta um desprezo por suas próprias experiências físicas e subjetivas, bem como um idealismo de seus pais, considerados “puros”. Fatalmente, esse idealismo gera grande frustração futura. Neste texto há uma frase que pode ser entendida como outra marca importante da obra Ferenczi: “por amor a essas pessoas, [a criança] deve adaptar-se a esse novo e difícil código” (FERENCZI, 1927a, p.11).

Ainda, discorre acerca de questões relativas à traumatismos importantes da infância, como o asseio pessoal e o desmame, enfatizando sempre a influência das experiências vividas na formação

⁵ Ferenczi já mantinha interesse no tema da pedagogia antes mesmo de seu contato com a psicanálise, bem como reflexões acerca do universo infantil. No seu texto de 1901, “Leitura e saúde”, Ferenczi, que ainda não tinha tomado contato com a psicanálise, já escrevia criticamente sobre a espontaneidade infantil tolhida por uma educação que não incentivava o aspecto lúdico e sim, o hábito da leitura, afastando-se das atividades com maior envolvimento físico e ao ar livre, justamente àquelas que as crianças têm maior disposição (GOMES, 2022).

de caráter da criança e advertindo sobre as futuras consequências negativas que são ocasionadas por adultos que impõem, a partir de uma “educação insensata”, o desfralde prematuro e um desmame mal feito (FERENCZI, 1927a).

Em “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, o psicanalista húngaro discorre sobre os bebês que chegam ao mundo como “hóspedes não bem-vindos em sua família” (FERENCZI, 1929b, p. 48) e o trauma precoce daí decorrente, deixando de modo muito claro a importância das demonstrações de ternura às crianças que, desde muito pequenas, registram com grande acuidade os sinais conscientes e inconscientes de seu entorno familiar.

A falta de receptividade e empatia dos pais influencia diretamente a vontade de viver da criança, de modo que a pulsão de morte pode vir a dominar. Desse modo, o autor aponta para a probabilidade nefasta de que essas “crianças acolhidas com rudeza e sem carinho morrem facilmente e de bom grado. Ou utilizam um dos numerosos meios orgânicos para desaparecer rapidamente ou, se escapam a esse destino, conservarão um certo pessimismo e aversão à vida” (FERENCZI, 1929b, p. 49)

Essa seleção de textos evidencia um dos pontos nodais do pensamento teórico-clínico de Ferenczi. Trata-se justamente do encontro do psiquismo infantil com o mundo adulto e suas implicações, que podem ser drásticas se não houver sensibilidade e flexibilidade deste último. Ademais, a partir de 1929, com o texto “Princípio do relaxamento e a neocatarse”, o psicanalista irá abordar em suas pesquisas principalmente os traumas advindos de abusos sexuais cometidos por um adulto, de modo que caracteriza as subjetividades que sofreram com o impacto do choque desses eventos incompreensíveis e excessivos ainda na infância, tema de principal interesse nesse trabalho (PERON, 2007). Essa terceira linha de pesquisa é marcada por avanços importantes acerca do trauma psíquico, com as noções teóricas de desmentido, clivagem psíquica e os impactos no manejo clínico psicanalítico advindos dessas descobertas (FRANÇA, MENDES, 2012).

Em 1932, já no final de sua vida, Ferenczi, que era muito inventivo e se dedicou intensamente a um trabalho de reestruturação e aperfeiçoamento de técnicas na clínica psicanalítica, proferiu, muito a contragosto de Freud, o artigo “As paixões dos adultos e sua influência sobre o desenvolvimento do caráter e da sexualidade da criança”, no XII Congresso Internacional de Psicanálise de Wiesbaden. O texto em questão, foi publicado posteriormente em 1933 com o novo título “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”, contrariando o pedido explícito de Freud

para que não o fizesse pois, na sua concepção, este poderia causar dano a sua imagem e a própria causa psicanalítica.

Entretanto, o artigo sintetiza o resultado de sua pesquisa e de seu encontro clínico com pacientes que de fato foram vítimas de cenas de sedução, sendo sua obra mais citada e tida muitas vezes como a mais brilhante. Ferenczi, colocando em risco sua reputação no meio psicanalítico, além de denunciar a hipocrisia da corporação analítica, relança luz sobre a temática da teoria da sedução, apresentando sua teorização acerca das cenas de um abuso real e suas consequências devastadoras para o sujeito (PERON, 2007).

Naturalmente, essa retomada da hipótese de um adoecimento psíquico causado por uma cena de sedução de cunho incestuoso causou estranhamento para Freud, que já tinha deixado de lado sua teoria da sedução em 1897 e que voltava sua atenção para o valor da fantasia (GOMES, 2016). Contudo, é importante salientar que a relação dos dois já estava, antes mesmo do Congresso Internacional, marcada por tensões. Essas advinham principalmente da discordância de Freud das novas ideias de Ferenczi e com a sua renúncia para o cargo de presidência da Associação Internacional de Psicanálise, anunciada em uma carta de 21 de agosto de 1932 (DUPONT, 1969).

Ainda sobre a relação dos dois, nessa carta, o discípulo explica para Freud que seu estado atual era de crítica e autocrítica. Essa condição o impulsionava não apenas para correções, mas também avanços na técnica e na teoria, como fornecido pelas informações contidas na Correspondência Freud-Ferenczi e em seu Diário Clínico, no qual apresenta suas pesquisas acerca das questões relacionadas aos pacientes difíceis, o trauma, o tratamento a partir da técnica análise mútua para esses casos, o corpo e a psicossomática. Segundo Judith Dupont, em prefácio deste diário, resgatando o contexto de afastamento entre os psicanalistas: “Ferenczi considera que esse estado de espírito [de crítica e autocrítica] é pouco propício a fazer dele um bom presidente: este tem como tarefa primordial preservar o que existe” (DUPONT, 1969).

No próximo subcapítulo, será apresentado o texto proferido no XII Congresso Internacional de Psicanálise de Wiesbaden que causou tanta oposição de seu mestre e da comunidade psicanalítica. O estranhamento geral causado pela novidade das reflexões de Ferenczi e a rejeição de suas experiências clínicas são associadas ao fato de que sua obra permaneceu, por muito tempo, relegada ao segundo plano (MENDES; FRANÇA, 2012). Entretanto, apesar da má recepção na comunidade, Ferenczi não fez um retorno a Teoria da Sedução para recolocar o trauma por uma cena de sedução real como central na etiologia das neuroses, mas sim, destacou a importância

traumática e patogênica daqueles que no passado viveram tais cenas, bem como pensou na especificidade desses casos de modo a elucidar também problemáticas e possibilidades do manejo clínico.

2.2 Confusão de línguas entre os adultos e a criança

O texto “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, reconhecido atualmente como um dos mais cruciais da obra de Ferenczi e que será discutido detidamente neste capítulo, é considerando um desenlace expositivo da pesquisa do autor, que se deparou em sua clínica com pacientes adoecidos que evidentemente sofreram uma sedução real incestuosa de grande valor patogênico (PERON, 2007). Em sua exposição, o psicanalista narra a sucessão de acontecimentos de uma cena de violência sexual perpetrada por um adulto contra uma criança, a sua posterior busca por significação e compreensão do ocorrido, que é seguida da negligência de uma figura de confiança, bem como outros efeitos dessa experiência de angústia extrema, que serão relatados ao longo do texto. Além de apresentar a composição desse trauma desestruturante motivado por uma violência de cunho incestuoso, Ferenczi irá refletir primeiro sobre as implicações que esses casos tem nas análises e na postura do analista.

Desse modo, o psicanalista inicia seu texto partindo de uma posição crítica acerca da relação analista/analizando para pensar a reprodução do trauma. Ferenczi atenta-se a aspectos que até então não eram parte da bagagem comum de outros psicanalistas, que recorriam, para explicar impasses na clínica e a repetição de traumas, a teoria de que tratava-se da força das resistências e do recalçamento. Indo na contramão desse conduta, com postura autocrítica diante do insucesso das análises, Ferenczi dirigiu sua atenção às críticas de seus pacientes, que o acusavam de frio insensível e fez o seu “exame de consciência para ver se, apesar da boa vontade consciente, não haveria alguma ponta de verdade nessas acusações” (FERENCZI, 1992d). Esse autoexame das raras⁶ críticas que lhe eram dirigidas, o leva a seguinte afirmação:

⁶ “Raras”, pois essas críticas estavam, devido a identificação transferencial com o analista, recalçadas. No texto, Ferenczi descreve que só havia “coragem” suficiente para explicitar tais críticas em momentos excepcionais de excitação. Na maior parte do tempo, os pacientes não se permitiam tais críticas, não chegando mesmo a lhes ocorrer internamente (FERENCZI, 1992). Essa manifestação percebida por Ferenczi é muito relevante pois é decorrência direta de mecanismos de defesa decorrentes do trauma, assunto que será apresentado a seguir no subcapítulo 2.3 e concluído no 2.5.

Cheguei, pouco a pouco, à convicção de que os pacientes percebem com muita sutileza os desejos, as tendências, os humores, as simpatias e antipatias do analista, mesmo quando este está inteiramente inconsciente disso. Em vez de contradizer o analista, de acusá-lo de fracasso ou de cometer erros, os pacientes *identificam-se com ele* (FERENCZI, 1992, p. 113).

Desta forma, Ferenczi aponta a importância dos psicanalistas dirigirem essa mesma atenção para as críticas recalcadas ao analista, que deve aprender a "adivinhá-las"⁷ nas entrelinhas, bem como os eventos possivelmente patogênicos do passado. Isso o leva a exposição de outra problemática importante, invertendo a lógica da postura mais comum dos psicanalistas de sua época: a da análise do analista que deve estar disposto a lidar com suas próprias resistências, que ele denomina como as “não desprezíveis” (FERENCZI, 1992d, P.113), ressaltando a necessidade de o analista, antes de se engajar no trabalho clínico psicanalítico, conhecer profundamente seus traços de caráter.

Com isso, ele faz uma denúncia à “hipocrisia profissional”, de onde advém grande parte das críticas recalcadas do paciente direcionadas ao analista. Os analisandos percebem as sutilezas presentes no contato com o analista cordial que o recebe em seu consultório e que, no entanto, pode não suportar certos traços daquele que se propõe atender, ou, ainda, em dado momento da análise, sente preocupações pessoais íntimas ou profissionais. Diante desse cenário, Ferenczi disserta sobre o benefício clínico do abandono da hipocrisia e da sinceridade com o paciente, que o permite elaborar conteúdos presentes que não tinham um lugar consolidado nas sessões até então, bem como abre um espaço de maior confiança, fazendo com que o paciente “solte a língua”.

A postura de fria reserva e a antipatia que o analista pode incorrer, atitude que o paciente sente com agudeza, remete justamente a uma situação traumática do passado, responsável pelo adoecimento do analisando. Portanto, se o psicanalista assume seu erro e renuncia a eles, bem como autoriza o paciente a fazer suas críticas no espaço analítico, ganha-se a sua confiança, que é responsável por estabelecer um contraste importante entre o passado traumático e insuportável e o presente.

⁷ Adivinhar a partir da contratransferência aquilo que o paciente não fala, sob efeito da resistência com o objetivo de incitar que o paciente elabore a sua crítica para perceber aquilo que não pode ser dito e encorajar uma formulação. A ideia de “adivinhar” está relacionada intrinsecamente com a noção de tato psicológico de Ferenczi. Em seu texto “Elasticidade da Técnica Psicanalítica” ele o define como a capacidade “de saber de quando e como se comunica alguma coisa ao analisando, quando se pode declarar que o material fornecido é suficiente para extrair dele certas conclusões; em que forma a comunicação deve ser, em cada caso, apresentada; como se pode reagir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente; quando se deve calar e aguardar outras associações; e em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente, etc.” (FERENCZI, 1992, p. 27)

Em seguida, Ferenczi circunscreve o abuso como fenômeno que ocorre indiscriminadamente, em todas as classes sociais e sublinha que o adulto agressor é, muitas vezes, alguém de confiança da criança, isto é: um objeto de importante valor, pelo qual ela sente afeto.

Argumentando sobre a objeção de que se trataria de fantasias da criança, que vão no sentido de menosprezar o abuso que ocorreu de fato em relação a uma certa primazia da questão da mentira histórica, Ferenczi pontua que esta perde sua força quando um grande número de pacientes adultos confessam em análise terem cometido abusos com crianças. Nesse sentido, o psicanalista se esforça para chamar a atenção de seus colegas para o reconhecimento da realidade psíquica e das implicações edipianas na criança que não deveria se sobrepor a realidade das violências sexuais que acontecem, com grande recorrência, no interior ou no ciclo próximo das famílias (MENDES; FRANÇA, 2012).

A partir desse encontro mais íntimo de Ferenczi com seus pacientes na situação analítica, ele confirma sua hipótese do valor patogênico do traumatismo sexual e descreve como se dão as cenas de violência entre adulto e criança, que compartilham o sentimento recíproco do amor. Desse modo indica os fatores presentes na cena traumática, bem como sua ordem temporal.

A criança, em jogo lúdico (isto é, no nível da ternura), se aproxima do adulto amado, com tendências psicopatológicas, que confunde o gesto da criança com um movimento de sedução de uma pessoa já madura. O jogo lúdico anunciado por Ferenczi diz respeito às fantasias da criança, que fazem parte da sexualidade infantil, que é distinta da sexualidade adulta. É neste sentido que Ferenczi se refere a essa aproximação como “anódina”, isto é, sem a significação sexual genital própria da linguagem do adulto.

Ele se refere a essa diferença de sexualidades como linguagens: a da ternura para a criança e a da paixão para os adultos. A primeira, a linguagem da criança, diz respeito a forma na qual ela experimenta o amor, em um momento que antecede a genitalidade. A criança tem fantasias lúdicas com relação ao adulto (tais como, por exemplo, desempenhar um papel maternal). A linguagem da ternura tem a ver com um convite ao cuidado do qual ela necessita. Já a linguagem da paixão, dos adultos, se caracteriza por estar ligada à genitalidade. A má leitura que adulto faz do gesto da criança e de sua intenção citada no parágrafo anterior é postulada por Ferenczi como um não reconhecimento da condição infantil, que toma a criança por uma igual, isto é, como um outro adulto.

Nesse ponto, faz-se necessário sublinhar que Ferenczi diz de uma dissimetria entre sexualidades adulta e infantil, o que evidentemente não implica em uma inexistência de sexualidade nas crianças (KUPERMANN, 2019). Ainda sobre a especificidade da experiência sexual infantil o psicanalista argumenta que as crianças vivenciam grande parte de sua sexualidade e o conflito edipiano a partir da fantasia, isto é:

(...) as crianças, quase todas sem exceção, brincam com a ideia de ocupar o lugar do progenitor do mesmo sexo, para tornar-se o cônjuge do sexo oposto, isto, sublinhe-se, apenas em imaginação. Na realidade, elas não queriam, nem poderiam, dispensar a ternura, sobretudo a ternura materna. (FERENCZI, 1992d, p. 118)

Dito isso, Ferenczi continua sua argumentação: se a fantasia é ultrapassada e um adulto impõe algo que é de sua própria sexualidade já madura, isto é, a partir da linguagem da paixão, os efeitos dessa violência, que pode ir de estimulação erótica excessiva até uma relação genital completa, serão tão nefastos para a criança quanto aqueles provindos da privação de amor, outro tema de grande interesse do psicanalista, que já tinha sido tratado em outros momentos de sua obra.

Segundo a leitura de Mendes e França, Ferenczi considera as fantasias edípicas da criança como possíveis aberturas de caminho para as cenas de violência. As aproximações infantis de sedução e da ordem da ternura tais como beijar e sentar no colo de um adulto, por exemplo, são confundidas pela pessoa já madura. Contudo, e este ponto é fundamental, a criança esperava ser respondida na mesma moeda, isto é, com a linguagem de ternura. Tendo sofrido uma excitação inesperada e excessiva executada pelo adulto, as fantasias inconscientes de sedução da criança se mesclam aos acontecimentos da realidade, e a consequência é uma enorme confusão, na qual Ferenczi faz alusão no título da sua exposição (MENDES; FRANÇA, 2012).

Dando continuidade a descrição dos desencadeamentos do evento traumático, o psicanalista irá categorizar momentos da subjetividade infantil após a violação. A reação de ódio e recusa da criança logo após a perpetração do ato de violência, será tolhida principalmente devido à relação de dissimetria entre ela e o adulto, na qual sente-se esmagada. No subcapítulo seguinte, será apresentado o prosseguimento da narrativa de Ferenczi da cena de sedução incestuosa bem como alguns mecanismos psíquicos importantes daquele que sofreu com a agressão adulta descritos por Ferenczi em “Confusão de língua entre os adultos e a criança”. São eles: a identificação com o agressor e a introjeção da culpa, ambos pressupostos pela clivagem.

2.3. A identificação com o agressor e a introjeção da culpa

A partir da descrição da dinâmica do evento traumático, o psicanalista irá categorizar momentos da subjetividade infantil após a violação. O primeiro deles, é uma reação de revolta, ódio ou recusa. No entanto, essa reação pode ser inibida por um medo muito profundo, um segundo momento em que a criança, ainda muito frágil com relação ao adulto, cala seus protestos, até mesmo aqueles que lhe ocorrem em pensamento. Esse segundo momento, o do medo,

(...) quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas e, identificar-se com o agressor (FERENCZI, 1992d, p. 117).

O esquecimento da criança de si mesma, que antecede a identificação, será assinalado pelo autor como uma evanescência do Eu. Ferenczi irá dizer de uma personalidade formada apenas por Id e Supereu “e, que, por conseguinte é incapaz de afirmar-se em caso de desprazer; do mesmo modo que uma criança, que ainda não chegou ainda em seu pleno desenvolvimento, é incapaz de suportar a solidão, se lhe falta a proteção materna e considerável ternura” (FERENCZI, 1992d, p. 118).

Essa divisão que é anunciada no texto, é o mecanismo da clivagem, as “cisões do ego”, noção que perpassa a obra de Ferenczi. Considerando a relevância da descrição dessa defesa, bem como o fato de que as defesas que serão descritas a seguir a pressupõem, é necessário realizar um parêntese na discussão e retornar ao texto “Análise de crianças com adultos” (1931) para melhor compreendê-la. Na conferência⁸, observa - a partir de situações da clínica em que o paciente sentia-se abandonado e ferido - que “uma parte de sua própria pessoa começa a desempenhar o papel da mãe ou do pai com a outra parte, e assim torna o abandono nulo e sem efeito.” (FERENCZI, 1992c, p. 76). Desse modo, é importante marcar que a clivagem se refere à cisão de uma parte em desamparo e uma outra, que promove o cuidado da primeira (GOMES, 2016). Esse delineamento é especialmente importante para compreender a “progressão traumática” advinda da clivagem, que será abordada no próximo subcapítulo.

⁸ Conferência pronunciada na ocasião do aniversário de 75 anos de Freud, em 6 de maio de 1931 na Associação Psicanalítica de Viena.

Para esse trabalho é digno de nota pontuar que também nesse texto o psicanalista apresenta ideias que são anunciadas no texto “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, já descritas no subcapítulo anterior. Na conferência, Ferenczi, que se coloca como um analista dos casos particularmente difíceis, declara-se em pleno acordo com os preceitos basilares da psicanálise e de seu mestre Freud e ainda se diz totalmente contrário à noção de “incurabilidade” de certos pacientes. Ele pontua que o paciente está atento a hipocrisia, estereotípias e frieza do analista e argumenta sobre as vantagens da criação de uma “base” para a situação analítica alicerçada a uma “paciência, uma compreensão, uma benevolência e amabilidade” (FERENCZI, 1992d, p.74), que é a chave para ir o quanto possível em direção ao paciente (FERENCZI, 1992d).

Um dos mecanismos de defesa originados a partir da clivagem para se proteger do ódio e da angústia de morte, ocorre a partir da submissão da criança, que a leva a se identificar com o agressor e introjetá-lo, bem como a sua culpa. Isto é, o agressor torna-se intrapsíquico, o sujeito pode transformá-lo de maneira alucinatória, de modo que a criança consegue se fixar a anterior situação de ternura: “a criança sente que é mais seguro aceitar o sentimento de culpa do que abrir mão do adulto que ama e, através da permanência do objeto amado, tenta recuperar o estado de ternura anterior” (PERON, 2007, p. 43). Nas palavras de Ferenczi:

Por identificação, digamos, por introjeção do agressor, este desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico; mas o que é intrapsíquico vai ser submetido, num estado próximo ao do sonho - como é o transe traumático -, ao processo primário, ou seja, o que é intrapsíquico pode, segundo o princípio do prazer, ser modelado e transformado de maneira alucinatória, positiva ou negativa. Seja como for, a agressão deixa de existir enquanto realidade exterior e estereotipada e, no decorrer do transe traumático, a criança consegue manter a situação de ternura anterior (FERENCZI, 1992d, p.117).

Ressalta-se especialmente que a “identificação ansiosa e a introjeção daquele que ameaça e agride” (FERENCZI, 1992d, p.118) tem um caráter essencialmente paradoxal: por um lado, leva o sujeito a uma postura de obediência mecânica e de grande masoquismo, ao passo que, por outro, ela serve a evitação do desprazer para que, por identificação, o psiquismo consiga retornar aos sentimentos ternos por aquele que a agrediu. Segundo Pinheiro, “com isso, não caberá culpa ao adulto que de fato a sentiu. É mais suportável para a criança tornar-se ela própria a culpada, a ter de abrir mão do adulto idealizado” (PINHEIRO, 2016, p.126).

Ferenczi escreverá em seguida sobre o compartilhamento de sentimentos entre vítima e abusador. No seguinte excerto, o psicanalista irá sugerir esse impacto na criança a partir de um sentimento do adulto: “Some-se a isto o comportamento grosseiro do adulto, ainda mais irritado e atormentado pelo remorso, o que torna a criança ainda mais profundamente consciente de sua falta e ainda mais envergonhada” (FERENCZI, 1992d, p. 117).

Segundo Gomes, nesta frase há a importante noção que Ferenczi anuncia da correspondência de sentimentos, da criança que identifica-se com um sentimento do adulto abusador, expressos pela consciência que ela passa a ter de uma “falta” própria e uma “vergonha”, a partir do “remorso” do agressor (GOMES, 2016).

O que antes era um jogo se torna um ato merecedor de punição, pois a criança considera em alguma medida que teve responsabilidade pelo abuso: é essa a introjeção do sentimento de culpa do adulto. Ela ocorre a partir da sua sensibilidade, sua capacidade de registro, que faz com que a

criança perceba o sofrimento (“remorso”) do agressor, de forma que se coloque, em partes, como responsável por esse sentimento. Isto é, “a criança experimentaria a culpa de um ato que não foi por ela proposto” (GOMES, 2016, p. 234). É essa tomada de sentimentos alheios que Ferenczi nomeia de “identificação ansiosa” com aquele que agride, um intenso mecanismo de defesa de garantia de sobrevivência.

A agressão causará uma grande confusão para a criança, que fica dividida e agora já não mais confia em seu próprio testemunho, tema que será tratado mais profundamente posteriormente, em conjunto com outras defesas importantes descritas por Ferenczi.

Desse modo, o psicanalista aponta para a cisão, a “enorme confusão” vivenciada pela criança: ela sente-se, por um lado, inocente e, por outro, a partir da identificação com o agressor, culpada. A complexidade de sentimentos experimentada pelo adulto que a criança tem contato após o abuso vai além da sua capacidade de absorção, trata-se de uma surpresa excessiva provinda tanto da violência sexual, bem como do seu contato sensível com o adulto (PINHEIRO, 2016).

É devido a intensidade que essa divisão culpada/inocente implica que a criança perde a confiança no seu próprio testemunho e nas suas percepções da realidade. Como aponta Gomes: “ainda que um aspecto de seu ego cindido lhe conte de sua inocência, nem ela, integralmente, pode acreditar em si” (GOMES, 2016, p. 235).

Seguindo o texto de Ferenczi, após ter descrito o mecanismo de identificação e introjeção da culpa, há um próximo momento fundamental da traumatogênese. Trata-se das tentativas da criança de falar sobre esse episódio com pessoas de confiança, na busca por alguma significação e validação de sua dor, como a mãe, no exemplo tomado por Ferenczi no texto em questão. Frequentemente, as descrições infantis da violação são interpretadas como *tolices* ou menosprezadas de algum outro modo.

Segundo Ferenczi, o adulto abusador comumente irá agir como se nada tivesse acontecido, negará o ocorrido e se consolará com a ideia de que a criança provavelmente vai se esquecer, por se tratar, na visão desse adulto de: “apenas de uma criança, ainda não sabe nada dessas coisas e acabará esquecendo tudo isso” (FERENCZI, 1992d, p.117).

A essa experiência de negação que os sujeitos vivenciam dá-se o nome em alemão de *Verleugnung*,⁹ conhecido em português por “desmentido”, ainda que alguns autores optem pela

⁹ Kupermann realiza uma discussão aprofundada do termo alemão e de suas traduções para o português em “Por que Ferenczi?” (2019), que não foi abarcada na presente pesquisa com a minúcia que demanda devido a restrição de tempo e conteúdo.

tradução do conceito como “desautorização”, como sugerido por Luís Claudio Figueiredo ou mesmo “descrédito”, nomenclatura defendida por Teresa Pinheiro. Este é um conceito de importância capital na obra do psicanalista, que vem a tona em diversos momentos de sua obra (como na importante conferência “Análises de crianças com adultos”, proferida em 1931) e que marca definitivamente sua concepção de trauma, se referindo não somente a situação traumática em si, mas o que pode ocorrer em um segundo tempo. Em “Confusão de língua entre adultos e a criança”, ele o aprofunda e também lhe confere o caráter de momento central na traumatogênese, dado que é efetivamente o que estabelece o valor traumático. Deste modo, o tema do desmentido será abordado mais cuidadosamente adiante, também devido a sua complexidade e riqueza de contribuições possíveis para o campo do traumático.

2.4. A última etapa da traumatogênese: o conceito do desmentido

O desmentido se refere a negação de um episódio de grande potencial traumático calcado na realidade, que será justamente responsável pela sua consolidação enquanto trauma. A criança, depois do acontecimento disparador (o abuso em si) busca ajuda de um adulto de confiança para nomear o indizível, como um “apelo ao *reconhecimento* da própria dor, de uma tentativa de testemunhar perante a presença sensível do outro o ultraje sofrido” (KUPPERMAN, 2019, p. 58). Esse adulto escolhido comporta-se como se nada tivesse acontecido ou mesmo menospreza, censura e castiga a criança que relata, qualificando o que Kupperman nomeia como *tempo do testemunho* (isto é, o endereçamento que a criança faz de sua dor a uma figura adulta), um fracasso. É devido a esse fracasso que o trauma se instaura, sendo esse abandono por parte de um adulto diante do indizível, a última etapa da traumatogênese.

Em sua conferência proferida de 1931, “Análise de Crianças com Adultos”, Ferenczi já irá enfatizar o valor danoso dessa experiência de negação de uma cena traumática que ocorre entre um adulto e uma criança:

(...) O pior é realmente a negação, a afirmação que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isto, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. (FERENCZI, 1992c, p.79).

Essa negação, que ocorre a partir de “atitudes inadequadas dos adultos diante das suas manifestações por ocasião dos choques traumáticos” (FERENCZI, 1992d, p. 80), que “termina” o

circuito traumático proposto por Ferenczi, consolidando-o. Ademais, a negação aponta para a questão da presença ou ausência de uma pessoa com a qual a criança abusada possa contar para testemunhar sua dor indizível e ter a oportunidade de processar e dar algum sentido ao ocorrido.

Essa noção ganha muita importância a partir da pontuação em “Análise de crianças com adultos”, de que os grandes choques tendem a ser superados se houver a presença de uma figura que valide a experiência da criança abusada.¹⁰ No exemplo utilizado por Ferenczi, essa figura que oferta-se como testemunha, capaz de dar um lugar de validação do ocorrido que tem o efeito de minimizar e mesmo superar esses grandes choques é a mãe “(...) com toda a sua compreensão, sua ternura, e o que é mais raro, uma total sinceridade” (FERENCZI, 1992d, p.79 - 80). Porém, o que comumente ocorre nas situações de buscas por ajuda são descritas por Ferenczi no texto “Confusão de língua entre adultos e criança” (1992):

De um modo geral, as relações com uma segunda pessoa de confiança - no exemplo escolhido, a mãe - não são suficientemente íntimas para que a criança possa encontrar uma ajuda junto dela; algumas tênues tentativas nesse sentido são repelidas pela mãe como tolices. (FERENCZI, 1992d, p. 118).

Nesse excerto, destaca-se a consideração do cuidador de que aquilo que é trazido pela criança trata-se de uma “tolice”. Gondar irá definir o desmentido nas seguintes palavras:

Por desmentido entenda-se o não-reconhecimento e a não-validação perceptiva e afetiva da violência sofrida. Trata-se de um descrédito da percepção, do sofrimento e da própria condição de sujeito daquele que vivenciou o trauma. Portanto, o que se desmente não é o evento, mas o sujeito. (GONDAR, 2012, p.196).

Desse modo, no exemplo descrito por Ferenczi em seu mito da teoria do trauma, esse segundo agente já estaria desvalidando a criança que sofreu uma violência, pois classifica o conteúdo anunciado por ela quase como algo que fora forjado, uma bobagem, algo que é fruto de sua imaginação infantil.

¹⁰ Cabe indicar que o conceito inaugurado por Ferenczi acerca do quanto se responsabiliza ou acolhe um sujeito que sofreu um trauma, de modo que reconhece-se que é necessário haver uma reparação, pode ser ampliado para também pensar as situações de trauma social. É o caso de sociedades que sofreram por catástrofes motivadas por empresas que se retiraram da responsabilidade pelo ocorrido respondendo apenas a partir de burocracias e uma distante posição de fidelidade ao regime legal, por exemplo (GONDAR, 2012). No entanto, segundo Mészáros, diferentemente do que acontece com sociedades em casos de desastres ambientais, em que há a oferta de ajuda que possibilitam o processo de elaboração do traumático, o trauma de pessoa-contra-pessoa costuma permanecer dentro de uma família ou comunidade, que o encobrem. Desse modo, o caso do trauma de pessoa-contra-pessoa torna a vítima, na maioria das vezes, isolada a partir do tabu imposto, sem as mesmas ofertas de suporte e cuidado (MÉSZÁROS, 2011).

Nesse sentido, a partir dos excertos acima, ressalta-se que é fundamental individualizar cada caso, considerando que existem episódios com grande potencial traumático que, a depender das condições de reconhecimento que possibilitem uma elaboração a posteriori, podem não se consolidar enquanto trauma. Ademais, é justamente neste ponto que reside uma das mais preciosas contribuições de Ferenczi, pois diz respeito à atuação possível na clínica do trauma, a partir de uma posição de legitimação e reconhecimento como saídas clínicas do manejo do trauma, ideia que será trabalhada mais detalhadamente posteriormente.

Além da surpresa diante do abuso, descrita no subcapítulo anterior, há também a surpresa excessiva que ela vivencia quando se depara com o desmentido. Em seu Diário Clínico, no texto de 6 de março de 1932, Ferenczi definiu a confusão de modo a apresentar a situação de surpresa do desmentido:

O protótipo de toda confusão é estar “perdido” quanto à confiabilidade de uma pessoa ou situação. Estar perdido é: ter-se enganado; alguém, por sua atitude ou suas palavras, fez “cintilar” uma certa reação afetiva; o momento do desvario intervém quando se vai ao encontro de uma situação com uma certa representação antecipada e, no lugar disso, encontra-se uma outra coisa, frequentemente o oposto; portanto: ser surpreendido por alguma coisa. A confusão corresponde ao momento situado entre a surpresa e a nova adaptação. (FERENCZI, 1990, p. 84-85)

A partir dessa explicação, é possível compreender a situação de grande complexidade em que a criança se encontra. Após a sua aproximação, o adulto que se sente culpado pelo ato praticado indica à criança (que muitas vezes não entende exatamente o que se passou) que algo proibido ocorreu. Teresa Pinheiro ainda aponta de que não se trata de qualquer proibido, mas sim de um ato que se aproxima do tabu do incesto, o que compõe o cenário social de que dada tamanha absurdidade advinda da quebra dessa interdição, ninguém acredite na criança (PINHEIRO, 2016).

A criança fica novamente “perdida” no momento do desmentido, pois, como descrito pelo psicanalista no excerto acima, o adulto com que ela estava contando, figura investida de grande confiança (a “representação antecipada”, indicada por Ferenczi no excerto acima), que poderia escutá-la e ajudá-la a representar o ocorrido, a frustra não correspondendo com o gesto que ela previa, deixando-a sem referência. Desse modo, ela é lançada a necessidade de se readaptar bruscamente, frente a estranheza da situação. Isso é feito a partir de reformulações das representações anteriores. Como já mencionado, o que é posto à prova na situação traumática é a relação de afeto entre a criança e o adulto (PINHEIRO, 2016).

Com relação a necessidade de escuta e auxílio da criança, Ferenczi faz uma importante contribuição, que auxilia no esclarecimento do porque essa nomeação se faz tão fundamental. Em nota em seu Diário Clínico, ele aproxima o processo de pensamento da criança com o processo de conquista da locomoção. Assim como é preciso que um adulto auxilie o bebê na aprendizagem do andar, a criança requer a aprovação e o amparo de seus pais para “conquistar” seus pensamentos, pois ela ainda não confia em seus próprios pensamentos e atos (FERENCZI, 1990). Portanto, essa teorização de Ferenczi, corrobora também para o fato de que o ato do adulto de desmentir algo que ocorreu com a criança, afirmando que não aconteceu, que não houve sofrimento ou até mesmo a espanca e repreendê-la, terá efeitos muito importantes.

A vítima, ainda mais confusa e identificada com o seu agressor, tem a clareza sobre a realidade percebida suprimida, bem como a certeza de si mesma. Ademais, é importante ressaltar que a noção de desmentido de Ferenczi diz respeito a uma dimensão compartilhada entre agentes adultos e uma criança. O ato de menosprezar ou negar o ocorrido para a criança que pede para um adulto de sua confiança por uma nomeação e simbolização do indizível - escolha que irá lançá-la ao abandono e angústia - tem também uma operação particular no sujeito adulto (KUPERMANN, 2019).

Nesse sentido, a ponderação de Kupperman é muito precisa no que diz respeito à expressão do trauma. Para além de indizível, ele é também inaudível para o adulto, que se ensurdece diante dessa insuportabilidade, de modo defensivo (KUPERMANN, 2019). O desmentido é uma defesa de estar diante de algo que é intolerável, do horror de testemunhar um ato como a violência sexual de uma criança. Nesse sentido, o ato de negar o ocorrido não decorre, na maior parte das vezes, de uma escolha consciente de motivação perversa do adulto (KUPERMANN, 2019)

Considerando essa dimensão intersubjetiva que o conceito carrega consigo, apesar de ser a criança aquela que mais sofrerá nesse processo e este o principal assunto abordado aqui, cabe dizer que nessa cena também o adulto pagará um preço por esse ato em resposta a “insuportabilidade de estar diante da dor de uma criança, com tudo que isso implica em termos de fratura das idealizações” (KUPERMANN 2019, p. 64).

Portanto, o desmentido atua nesses dois agentes: a criança, que sofre com um abalo nas suas próprias percepções, negando as evidências e o adulto, que certifica a sua impossibilidade de testemunhar a dor da criança vítima de um trauma. Apesar da impossibilidade de definir apenas

uma resposta acerca do motivo pelo qual um adulto não escuta a criança vítima¹¹, Gomes enfatiza que o afeto que o trauma desperta para o adulto é o da angústia. Em seguida, o autor faz uma importante afirmação: “o desmentido, assim, teria a função de proteger o cuidador de seu próprio mal-estar, e a criança, ao aperceber-se disso, calar-se-ia - exercendo assim, ainda que traumatizada, a função de cuidar do cuidador.” (GOMES, 2016, p. 236).

Ferenczi, ao fim do texto “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”, dirá que a função de cuidado assumida pela criança decorre da eclosão súbita de faculdades maduras nas vítimas de situação traumática. Em outras palavras, trata-se da pré maturação, ou progressão traumática, advinda da clivagem da personalidade:

Uma aflição extrema e, sobretudo, uma angústia da morte, parecem ter o poder de despertar e ativar de súbito disposições latentes, ainda não investidas, e que aguardavam tranquilamente sua maturação. A criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a urgência da pressão traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro (...). (FERENCZI, 1992, p. 119)

Essa ideia já estava presente no curto artigo “O sonho do bebê sábio”, publicado em 1923. Trata-se da imagem recorrente na cultura de um bebê ponderado que porta-se com perfeita desenvoltura, agindo como um conselheiro dos adultos. Vários analisandos de Ferenczi relataram sonhos em que essa temática de uma criança muito pequena cheia de características típicas da maturidade aparecia e o psicanalista interpreta-o como um desejo de “suplantar os grandes” a partir da maior sabedoria, de modo a inverter a situação na qual a criança se encontra (FERENCZI, 1993). Essa imagem do sonho foi retomado na teoria do trauma, tornando-se noção importante na sua obra, de modo que se relaciona com o processo de clivagem e progressão traumática, onde a criança adquire abruptamente faculdades de maturidade, como mecanismo para ultrapassar a angústia decorrente do trauma (PINHEIRO, 2016).

Na clivagem, produzida pela pressão do perigo da situação traumática, a personalidade fica dividida “numa parte sensível, brutalmente destruída, e uma outra que, de certo modo, sabe tudo mas nada sente” (FERENCZI, 1992d, p. 77). A sabedoria é adquirida como parte da instância que se torna adulta e protetora, de modo a defender a outra parte, que Ferenczi nomeou como

¹¹ Kupperman pondera que essa resposta do adulto poderia estar vinculada a evocação, a partir do relato da criança, das próprias vivências traumáticas (KUPPERMAN, 2019). Gomes levanta uma série de outras hipóteses como o fator do que poderiam pensar socialmente da situação de abuso, da culpa de não ter cuidado bem da criança e até mesmo acerca do vínculo desse adulto com o agressor (GOMES, 2016). Essa última hipótese parece ser importante para refletir acerca do silenciamento social no que diz respeito aos abusos sexuais, considerando que este ocorre, principalmente, dentro das casas das vítimas (FBSP, 2021).

“sensível”, que é ameaçada e destruída. Deste modo, a vítima substituí ele mesma o cuidado que lhe foi ausentado e, a ternura da criança por seu objeto de amor, que a agrediu, pode ser resguardada nesta outra instância sensível. É necessário frisar que o resguardo da situação de ternura anterior tem, por consequência, a desautorização das percepções próprias da criança diante da agressão que sofreu, o que a leva à desconfiança de si mesma. É a perda “da confiança no testemunho dos seus próprios sentidos” (FERENCZI, 1992c, p. 117)

Em “Análise de Crianças com Adultos”, Ferenczi dirá ainda que essas crianças que adquiriram tais traços têm a tendência a cercar maternalmente os outros, bem como a auxiliá-las a partir do conhecimento adquirido pelo próprio sofrimento (FERENCZI, 1992c). A maturidade que as crianças adquirem antes do tempo em função do choque traumático, como forma de proteção da angústia, é definida por Ferenczi com a metáfora terminante: “pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado” (FERENCZI, 1992d, p. 119). O fruto bichado é a imagem da condição subjetiva em que se é maduro por fora e destruído por dentro, tal qual uma fruta atacada por pragas.

Portanto, as elaborações de Ferenczi trazem contribuições muito importantes para os casos de violência sexual infantil, considerando que indicam as especificidades psíquicas desses casos, bem como os desafios com os quais os psicanalistas terão ao lidar no manejo clínico, já que esses efeitos no psiquismo dos pacientes traumatizados trazem problemáticas muito diretas para o trabalho. O próximo subcapítulo tratará das propostas de manejo e cuidado que o tema do desmentido impõe.

2.5. Notas breves sobre o desmentido e seus impactos na clínica

Nos subcapítulos anteriores, os danos provindos do desmentido foram retratados. As condições impostas por essa situação de angústia radical indicam também implicações na clínica psicanalítica, já que a obra ferencziana aponta que alguns recursos comumente utilizados, que desconsideram os efeitos psíquicos específicos dos casos de pacientes violentados podem ser iatrogênicos. Trata-se de um alerta de Ferenczi, que dedicou-se a repensar o contexto de trabalho analítico e a postura do analista diante desses pacientes. Nos parágrafos seguintes, a partir da retomada do que foi anteriormente exposto nos outros subcapítulos, serão elencadas essas

problemáticas, bem como as propostas de cuidado apontadas por Ferenczi, a partir da noção de desmentido.

Uma delas se refere a condição de docilidade e transferência positiva percebida pelo psicanalista nos tratamentos de seus pacientes que foram molestados sexualmente. Dessa maneira, seus pacientes raramente lhe criticavam e, em seu esforço de considerar as recriminações dirigidas a ele, atestadas no texto “Confusão de línguas...”, Ferenczi conclui que também os pacientes mais dóceis experimentavam, em segredo, sentimentos de ódio e raiva. Nota que esses pacientes acolhiam muito depressa suas interpretações e, além disso, recusavam enfaticamente a sua sugestão de que as críticas direcionadas ao psicanalista fossem feitas e abandonassem a circunspeção a respeito de sua imagem (FERENCZI, 1992d).

O psicanalista compreendeu que essas manifestações diziam respeito a estados de submissão a angústia do tratamento e a autoridade do analista, implicações psíquicas decorrentes da clivagem e, em específico, da identificação com o agressor, mecanismo que tem por função fundamental a manutenção do amor sentido pela criança por aquele que a agrediu, afastando a dor e o ódio decorrentes da situação traumática experienciada. Tendo em vista que estava lidando com psiquismos que estavam sob o mecanismo da clivagem, essa submissão que aparecia nos tratamentos, era correlata da conservação do afeto positivo descrito anteriormente, preservando o analista em seu lugar de objeto de amor idealizado, assim como a criança faz com aquele que a agrediu (GOMES, 2016).

Como forma de ultrapassar a repetição posta no tratamento, Ferenczi se funda na confiança que o analista ganha do seu paciente quando renuncia a uma posição de fria reserva, reconhecendo seus erros e empatizando genuína e profundamente com o seu paciente. Assim, com a criação de um setting analítico no solo desta confiança, cria-se o contraste entre o passado e presente, de modo que a vivência traumática seja lembrada objetivamente e não de forma a ser reproduzida em contexto clínico (FERENCZI, 1992d).

Outra problemática que a obra ferencziana aponta se refere ao retorno na psicanálise ao valor dos acontecimentos traumáticos em seu aspecto de “realidade”. A questão alarmante é a de que uma psicanálise “clássica”, enrijecida, sob o pretexto de ouvir e considerar a fantasia e a realidade psíquica, pode incorrer na negação das vivências efetivas dos pacientes, quando desconsidera a realidade em suas hipóteses clínicas, tangenciando a questão da recepção do adulto que julga o relato como uma “tolice”, apontada por Ferenczi ao tratar do desmentido. Desse modo, estaria

reincidindo na cena traumática descrita ao longo deste trabalho: um adulto desmente a experiência vivida pela criança, responsabilizando-a, duvidando de suas percepções ou negando o ocorrido (GOMES, 2016).

A chamada “neutralidade”¹² do psicanalista nesses casos é evidenciada por Ferenczi como, na verdade, falta de sensibilidade e hipocrisia profissional. A sua fria reserva e a falta da benevolência deixam o paciente sozinho em profunda aflição, sendo essa justamente a cena insuportável que levou a criança ao mecanismo da clivagem, como forma de se proteger do medo (FERENCZI, 1992d). O analista que trabalha com essa postura poderia estar atuando a partir do desmentido - uma das contribuições mais originais de Ferenczi - pois o traumático se refere não apenas ao momento do abuso sexual, mas é consolidado nesse momento a posteriori, em que não há acolhimento do episódio relatado pela criança, tornando-se impossível auxiliá-la a dar algum sentido para essa experiência marcada pelo excesso, surpresa, confusão e solidão.

A postura do analista, portanto, ganha uma dimensão muito importante no tratamento desses casos. Considerando que com a negação da narrativa do sofrimento do sujeito em condição de vulnerabilidade, a experiência se torna excluída do campo do representável e leva a perda da certeza de suas percepções e do que de fato ocorreu. A proposta de Ferenczi aponta para uma clínica, mais do que interpretativa, fundada na escuta acolhedora e testemunhal, de modo a reconhecer a dor e o sofrimento do paciente, validando sua perspectiva. Portanto, a reparação do desmentido traumático demanda um outro tipo de disposição ética por parte do analista. Trata-se da presença sensível, proposta por Kupperman, em que o analista desempenha a função de testemunha, legitimando o ocorrido e promovendo o reconhecimento de uma dor até então inominável (KUPPERMAN, 2019).

¹² Contudo, é necessário ressaltar que trata-se de uma flexibilização da “neutralidade”, que não pode ser levada a radicalismos. Segundo Gomes, Ferenczi aponta que o psicanalista que não se distancia da afetação a partir de uma certa reserva, poderia levar o paciente também a revivência da cena traumática, em que se vê em posição de “cuidar do próprio cuidador”, no caso, o analista (GOMES, 2016). Portanto, e este fator é fundamental, a proposta de Ferenczi não é a de que o analista esteja em presença excessiva no decorrer de uma análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, foram investigadas as considerações de Sándor Ferenczi acerca dos efeitos traumáticos da violência sexual, caracterizadamente um evento incompreensível e excessivo para o psiquismo. Além disso, o trabalho foi especialmente motivado pela articulação entre as repercussões traumáticas subjetivas e a técnica psicanalítica, bem como a decorrente delicadeza que se impõe no setting clínico. Para tanto, foi estudada sua concepção de trauma que - sem negar os aspectos pulsionais da vida psíquica - evidencia que está fortemente relacionado a tratamentos inadequados ou mesmo cruéis por parte daqueles que circundam a criança. A contribuição original do trauma em Ferenczi é concebida em dois tempos, marcados pela confusão e pela presença de afetos intensos entre os agentes adultos e a criança, o que aponta para sua dimensão relacional e também para suas consequências duradouras, decorrentes da reorganização psíquica necessária diante do impacto do traumático.

O primeiro tempo para Ferenczi é o momento em que ocorre de fato a violência, que é perpetrada por um adulto a quem a criança ama e depende. O evento acarreta em ódio, que é suprimido por um medo profundo e inibidor de todo tipo de revolta externa contra aquele que a agride, até mesmo em pensamento. Para se proteger da cólera e da decepção, a criança identifica-se com o seu agressor e introjeta a sua culpa a partir do mecanismo da clivagem, de modo que substitui ela mesma o cuidado que lhe foi ausentado e consegue resguardar tanto o adulto quanto a ternura por ele sentida. É neste momento também que, do outro lado, o agressor se defende, consolando-se ante a ideia de que é apenas uma criança, que esquecerá o ocorrido (FERENCZI, 1992d).

Já o segundo momento é caracterizado pela busca da criança por compreensão e nomeação de algo que gera efeitos da ordem do irrepresentável. Contudo, ela se vê diante da surpresa de ser desmentida por um agente que esperava que poderia lhe dar auxílio de significação e reconhecimento, o que a lança na solidão da incompreensão. O adulto age como se o relato da criança fosse uma “tolice”, algo que é fruto da imaginação infantil (FERENCZI, 1992d). Este é o momento central, que funda o trauma enquanto tal, que fala também sobre a insuportabilidade do outro de se deparar com o horror de testemunhar essa violência (KUPERMANN, 2019). Com relação a essa centralidade, o trauma para Ferenczi dependerá, portanto, da presença ou ausência de um outro significativo, capaz de testemunhar essa experiência. É por essa via, bem como a sua

percepção das consequências psíquicas duradouras dos sujeitos traumatizados, que é possível pensar os desdobramentos clínicos propostos.

Em sua clínica com esses sujeitos notou que, quando sua postura era demasiado rígida e se aplicavam as normas psicanalíticas clássicas, era instaurado um ambiente analítico de, na verdade, pouca produção. O paciente sensível percebia a hipocrisia do analista e inquietava-se diante de sua abstinência excessiva e indiferença permeada pelo silêncio exagerado (FERENCZI, 1992d). Essa situação levava o paciente a repetir, desnecessariamente, a situação anterior que o fizera adoecer, marcada pela solidão e angústia. Ademais, a postura de reserva, quando muito acentuada, ao invés de incitar o paciente a associar, instaurava uma distância de grandes proporções entre analisando e analista, e o processo era paralisado. Foi a partir desses impasses que Ferenczi percebeu a necessidade de mudanças e de flexibilizações na técnica.

Com esses pacientes, notou uma significativa submissão à autoridade do analista, que era expressa a partir da docilidade e da facilidade com que acatavam suas interpretações. Ao invés de considerar esses fatores de difícil resolução - que produziam análises estagnadas e sofrimento desmedido no paciente - como manifestação de resistências, o psicanalista questionou-se acerca de sua própria atuação e de seus limites. Isso foi feito a partir do direcionamento de sua atenção às raras críticas e acusações de seus pacientes, pois a subordinação que lhes eram características, os impedia, muitas vezes, de mesmo formulá-las (FERENCZI, 1992d). A sua atitude de se voltar às reprimendas pode ser considerada um exemplo paradigmático na qual fica nítida a preocupação de Ferenczi com o ato de questionar-se e estar extremamente atento com o modo como se ocupa o lugar de analista e suas próprias resistências. Não à toa essa preocupação o levou a elevar a análise do analista à sua segunda regra fundamental (LACAN, 1998). Nesse sentido, ressalta-se a atribuição de peso escrita por Lacan: “(...) o autor de primeira geração a questionar com mais pertinência o que se exige da pessoa do psicanalista (...)” (LACAN, 1998, p. 342).

É devido a essa dificuldade que notava em seus pacientes, que Ferenczi evidenciava a importância da “adivinhação” das críticas e conteúdos recalçados e os encorajava - com muito tato - a formulá-las, criando assim, um espaço seguro que permitia a expressão de sentimentos de hostilidade. Com isso, a crítica poderia ser elaborada e assim, o psicanalista reconhecia e autorizava as percepções do paciente como válidas, o que tem um fator terapêutico muito significativo, especialmente nesses casos.

O espaço criado para a expressão da crítica que é admitida pode ser entendido como um dos exemplos possíveis desse estilo clínico inaugurado por Ferenczi. Essa mesma atitude, é estendida para outras circunstâncias do espaço analítico quando se refere a casos marcados por uma ou várias situações traumáticas experienciadas, pois reconhecer e validar o que antes não foi admitido é papel do analista, atitude que pode vir a ser reparadora. Ainda, sobre a análise, trata-se de uma condição em que uma estrutura de poder está muito envolvida. Diante disso, não há meio termo: ou analista posiciona-se na direção desse reconhecimento ou - “neutralizando-se” e se desafetando - se torna agente retraumatizador (GONDAR, 2012). Entretanto, é necessário pontuar que não se trata de recorrer a extremos – apenas reconhecer a violência vivida e deixar de lado a fantasia, ou o contrário. A realidade deve ser considerada nas hipóteses clínicas, para que não se incorra no desmentido - mas continua sendo imprescindível escutar o campo da fantasia e a significação particular de cada sujeito sobre sua história, que é única (PERON, 2007).

Ao longo do trabalho, ficou nítida a sensibilidade clínica de Sándor Ferenczi - que desde sempre encantou e motivou a pesquisadora - em especial sua compreensão acerca da natureza profunda da criança, que percebe e registra elementos do seu entorno. Esse entendimento parece ser justamente o oposto das manifestações adultas - marcadamente depreciativas - acerca da vítima na situação traumática, de que se trata “apenas” de uma criança, possuidora de uma razão estúpida, produtora de “tolices”. Não à toa a criança é um figura recorrente na obra de Ferenczi, que trabalhou com a noção da criança que habita o paciente e da necessidade de, a partir de um setting analítico baseado na confiança, criar uma técnica elástica para receber a singularidade de cada sujeito (KUPERMANN, 2019). Na leitura de Kupermann, o encontro proposto por ele é, portanto, de que antes de se falar da criança traumatizada - essa que sobrevive no adulto e se expressa na neurose infantil - é preciso falar com a criança, testemunhando sua dor (KUPERMANN, 2019).

A obra do psicanalista mostrou, portanto, a partir especialmente do desmentido, que a relação entre os adultos e a criança pode ser traumática e, que a marca do segundo momento, em que a vítima já fragilizada diante das surpresas e do impacto da violência recorre a um outro para pedir auxílio e reconhecimento, tem o potencial de ser reproduzida em análise. Desse modo, Ferenczi mostra a comunidade psicanalítica que é preciso que haja um enquadre especializado para o cuidado daqueles que sofrem com as restrições de seu próprio psiquismo (KUPERMANN, 2019). A criação de um ambiente analítico pautado na confiança, para que se possa prosseguir com o tratamento, se faz fundamental, para estabelecer o contraste entre o passado traumático e uma

possibilidade outra, bem como para que o trauma não seja reproduzido, mas seja lembrado objetivamente (FERENCZI, 1992d). Assim, a clínica do testemunho proposta por Ferenczi, permite que os núcleos traumáticos encontrem um espaço analítico adequado para a sua elaboração para que, por fim, seja possível uma significação singular para o sofrimento (KUPERMANN, 2019).

É preciso salientar que, por uma questão de tempo, não foram abordadas nesta pesquisa muitas outras contribuições de Ferenczi, tanto da ordem das consequências e fenômenos traumáticos quanto referentes às inovações técnicas propostas pelo psicanalista. No que diz respeito às consequências traumáticas, destacam-se os fenômenos físicos decorrentes de um desprazer insuportável; a comoção psíquica - o mecanismo de se estar fora de si ante a urgência provocada por um quantum de angústia excessivo - e; a alucinação negativa como forma de vencer a dor de ter sido objeto de agressão e negar o trauma, tornando-se, ela mesma agressora (PINHEIRO, 2016). Outra questão que não foi suficientemente abordada é referente às expressões de masoquismo enquanto possível decorrência traumática.

No segundo grupo, relativo às contribuições de manejo clínico, ficaram de fora importantes colaborações ferenczianas, tais como a discussão específica da elasticidade da técnica - que diz respeito a disponibilidade sensível para os manejos clínicos adequados a cada caso -, o processo da criação e o posterior abandono de sua técnica ativa e a riqueza decorrentes dessa experiência e do reconhecimento de seus problemas; sua noção valiosa do tato psicológico - do saber do analista e de sua responsividade, isto é, de seu domínio de quando e como se comunica, quando se deve calar e quando o silêncio é apenas “tortura inútil para o paciente” (FERENCZI, 1992e, p.27) -; a empatia - referente ao conhecimento do analista da vida psíquica que deve auxiliá-lo no agir de forma a não estimular resistências (GOMES, 2016) -; os movimentos contratransferenciais e as defesas do analista enquanto exerce a psicanálise. Ainda, reconhece-se que não foi inserida suficientemente a discussão profícua acerca da questão da verdade e da mentira e do inquestionável valor da fantasia quando se trata do psiquismo. Segundo Pinheiro, Ferenczi incorre em uma posição equivocada quando coloca verdade e mentira como opostas e sem possibilidade de encontro (PINHEIRO, 2016). Contudo, essas discussões e conceitos que não foram estudados na presente pesquisa, geraram interesse e indicaram direções de futuros estudos.

O processo da pesquisa, ademais, trouxe algumas reflexões para a pesquisadora. Com relação ao “mito” do trauma de Ferenczi - a história de como as cenas de sedução e da posterior negação

do ocorrido por parte de um agente escolhido pela criança se dão -, reconhece-se que são possíveis outras modalidades de desmentido, que não são necessariamente totalmente condizentes com a narrativa do autor, considerando que o psicanalista descreveu posturas do agente que desmente que implicam uma atividade significativa¹³, muitas vezes verbal. Isto é, admite-se que não há uma única história, existem muitas variações de uma cena traumatizante, com desmentidos que operam mais a partir das sutilezas do que propriamente da ação verbal, e onde a dimensão do silêncio tem um espaço muito importante. Apesar de Ferenczi não ter descrito essas outras possibilidades, elas estão implícitas em seu texto. Devido ao recorte da pesquisa, este é um outro tema de grande interesse que não pôde ser incluído no estudo.

Ao longo deste trabalho, foram feitas muitas perguntas, especialmente sobre as aplicações extraídas e motivadas pelas contribuições do psicanalista húngaro, ou seja, sobre a atuação clínica. Diversas vezes, a pesquisadora se questionou sobre os limites do acolhimento e da postura daqueles que atendem - por exemplo, até que ponto se trata de invasão e a partir de qual momento o espaço de retirada funciona como uma espécie de abandono? São inquietações que, apesar de reconhecer, a partir de Ferenczi, que não há uma resposta única, mas sempre singular, isto é, de cada sujeito em análise, e que portanto, demandará uma adaptação específica, o que exige do analista uma atenção aos modos como cada pessoa pode se sentir mais à vontade para se apropriar do espaço analítico, falta ainda estrada, experiência clínica, para compreender como as nuances da técnica e a oscilação de reserva e implicação podem se manifestar.

O questionamento de Ferenczi acerca das regras rígidas e sua crítica a uma psicanálise muito voltada a comprovar suas próprias teorias colaborou decisivamente para que a prática clínica se tornasse atenta ao sujeito e sua singularidade. A sua proposta de manejo elástico, de adequação às peculiaridades de cada paciente, entretanto, não postula que o analista deve se guiar apenas pelos seus sentimentos, mas fundamentalmente, o contrário: toda intervenção deve passar por um exame metodológico crítico pois ela não se baseia apenas pela intuição e deve ter uma razão clara para ser posta em prática (FERENCZI, 1992e).

A pesquisadora entende que Sándor Ferenczi, um teórico da clínica psicanalítica (PINHEIRO, 2016) faz uma provocação séria e de grande valor aos analistas e aos que pretendem seguir essa profissão – é necessário um compromisso com o rigor e com a ética, com a

¹³ As três formas de desmentido descritas por Ferenczi são: (I) afirmar que a violência não aconteceu, (II) afirmar que não houve sofrimento e (III) espancar e repreender a criança (FERENCZI, 1992d).

disponibilidade sensível para escutar aquele que sofre. Ainda, que esse comprometimento depende, em grande parte, de uma análise conduzida até o mais longe possível e do exercício psicanalítico que exige a articulação constante entre as suas dimensões indispensáveis, a teoria e a prática clínica. Esse exercício está sujeito a compreensão profunda de uma verdadeira polissemia de possibilidades de direção de tratamento, baseada no entendimento de que cada paciente é radicalmente e essencialmente singular e que, portanto, lidar com as diretrizes da psicanálise como dogmas e aplica-las rigidamente tais como normas, difere fundamentalmente do que a prática psicanalítica se propõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2021: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência doméstica e sexual. 2021, p. 217 - 219.

Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>>.

Acesso em: 7 jun. 2022

BREUER, Josef. 1. Srta. Anna O. **Estudos sobre a Histeria (1893 - 1895)**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 40 - 75.

DUPONT, Judith. Prefácio. In: FERENCZI, Sándor. **Diário clínico**. 1. Ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1990, p. 11 - 29. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1OrVLIK0RSc3BkKdC5IRdK9CqG_v1OmnE/view>

Acesso em: 7 jun. 2022

FERENCZI, Sándor. A Adaptação da Família à Criança. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. v.4 , p. 1 – 13.

FERENCZI, Sándor. A Criança Mal Acolhida e Sua Pulsão de Morte. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992b. v.4 , p. 47 – 51.

FERENCZI, Sándor. Análise de Crianças com Adultos. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992c. v.4 , p. 68 – 83.

FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992d. v.4 , p. 111 – 119.

FERENCZI, Sándor. Diário Clínico. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FERENCZI, Sándor. Elasticidade da Técnica Psicanalítica. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992e. v.4 , p. 25 – 36.

FERENCZI, Sándor. O sonho do bebê sábio. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas - Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. V.3, p 207.

FERENCZI, Sándor. Reflexões sobre o trauma. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992f. v.4 , p. 109 – 118.

FRANÇA, Cassandra Pereira; MENDES, Anna Paula Njaime. Contribuições de Sándor Ferenczi para a compreensão dos efeitos psíquicos da violência sexual. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 2012, v. 17, n. 1, p. 121 – 130.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pe/a/TTvX3yxH39TJV7yMqyHnTtR/#:~:text=O%20presente%20trabalho%20consiste%20em,na%20constitui%C3%A7%C3%A3o%20do%20psiquismo%20infantil>>

Acesso em: 7 jun. 2022

FREUD, Sigmund. A Teoria Transformada: carta 21 de setembro de 1897. **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887 - 1904**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1986, p. 263 – 268.

Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Freud-Correspond%C3%A7%C3%A3o-Completa-com-Fliess.pdf>>

Acesso em: 7 jun. 2022

FREUD, Sigmund. Katharina....**Estudos sobre a Histeria (1893 - 1895)**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras., 2017, p.180 – 194.

FREUD, Sigmund. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. **Primeiras publicações psicanalíticas - Volume III (1893 - 1899)**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., p. 99 – 114.

FREUD, Sigmund. Sexualidade Feminina (1931). **O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos - Volume XXI (1927 - 1931)**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., p. 140 – 155.

GOMES, Gustavo Dean. A ampliação do campo do trauma e os derradeiros avanços clínicos de Ferenczi. In: GOMES, Gustavo Dean. **De Viena a Wiesbaden: o percurso do pensamento clínico teórico de Sándor Ferenczi**. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 211 - 249, 2016. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19197/2/Gustavo%20Dean%20Gomes.pdf>> Acesso em: 7 jun. 2022

GONDAR, Jô. Ferenczi como pensador político. **Cadernos de psicanálise - CPRJ**, Rio de Janeiro, vol. 34, p. 193 - 210, jul./dez., 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000200011> Acesso em: 7 jun. 2022

GOLDGRUB, Franklin W. Revisitando a Teoria do Trauma. **Trauma, Amor e Fantasia: história lógica da teorização do inconsciente na obra de Freud**. 1. Ed. São Paulo: Editora Escuta, 1988, p. 33 – 51.

KUPERMANN, D. A Verleugnung: o Desmentido e as Dimensões Relacional e Social do Trauma. In: KUPERMANN, D. **Por que Ferenczi?**. 1. Ed. São Paulo: Zagodoni Editora, 2019, p. 55 – 78.

LACAN, Jacques. Variantes do tratamento-padrão. **Escritos**. Jorge Zahar Editor, 1998, p. 341.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Catártico (Método -), In: LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016, p. 60 – 62.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Sedução (Cena de -, Teoria da -), In: LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016, p. 469 – 472.

MARTINS, Renata Dahwache; VORSATZ, Ingrid. Os primórdios da psicanálise e a construção da noção de fantasia. **Cadernos de psicanálise**, vol. 40, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000200013

Acesso em: 10 set. 2021

MÉSZÁROS, Judit. Elementos para a teoria contemporânea do trauma - a mudança de paradigma de Ferenczi. **Percurso 46 - A clínica do trauma**, São Paulo, jun., 2011. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=155&ori=edicao&id_edicao=46

Acesso em: 7 jun. 2022

PERON, Paula Regina. **Considerações para a clínica psicanalítica do trauma**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p.1-9, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15581/1/paula%20regina%20peron.pdf>

Acesso em: 7 jun. 2022

PINHEIRO, Teresa. A teoria do trauma. In: PINHEIRO, Teresa. **Ferenczi**. 1. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016, p. 115 – 170.

QUEM FOI FERENCZI?. Locução de: Jô Gondar, Daniel Kupperman e Eugênio Canasin Dal Molin. Escutando Ferenczi: a arte da Psicanálise. [S. I.]: GBPSF, 13 mai. 2021. Podcast. Disponível em:

https://open.spotify.com/episode/41weA6MuwsS8DUGUZxxoyy?si=bwrx02IpQguCI8zGHQz34A&dl_branch=1 Acesso em: 04 out. 2021

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Charcot, Jean Martin. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 1998, p. 232 – 235.

Disponível em:
 <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/8941/material/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Ferenczi, Sándor. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 1998, p. 232 – 235.

Disponível em:
 <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/8941/material/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Fliess, Wilhelm. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 1998, p. 239 - 241

Disponível em:
 <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/8941/material/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Sedução, Teoria da. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 1998, p. 696 - 699

Disponível em:
 <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/8941/material/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Realidade psíquica. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 1998, p. 646 - 647

Disponível em:
 <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/8941/material/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2022.

SEDUÇÃO. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sedu%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 8 fev. 2022.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. Freud e o abandono de sua *neurótica*. In: VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. **Ensaio Freudiano em Torno da Psicosexualidade**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria Ltda., 2004, p. 39 – 45.